



Programa de Pós-Graduação em  
**LINGUÍSTICA**

---

**VESTINDO SENTIDOS: ENUNCIADOS ADERENTES SOBRE  
PARENTALIDADE EM CAMISETAS**

São Carlos

2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**CLECIANE MARIA DA SILVA**

**VESTINDO SENTIDOS: ENUNCIADOS ADERENTES SOBRE  
PARENTALIDADE EM CAMISETAS**

**SÃO CARLOS**

**2025**

CLECIANE MARIA DA SILVA

VESTINDO SENTIDOS: ENUNCIADOS ADERENTES SOBRE  
PARENTALIDADE EM CAMISETAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos à obtenção do Título de Mestra em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Discurso.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araújo.

SÃO CARLOS

2025



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

### Folha de Aprovação

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Cleciane Maria da Silva, realizada em 31/07/2025.

#### Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araujo (UFSCar)

Profa. Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes (UFC)

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

CLECIANE MARIA DA SILVA

VESTINDO SENTIDOS: ENUNCIADOS ADERENTES SOBRE  
PARENTALIDADE EM CAMISETAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos à obtenção do Título de Mestra em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Discurso.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araújo (Orientadora e Presidente)  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

A Jailson (Araújo) Vieira,  
meu estimado amigo, cuja generosidade, escuta, defesa, luta e presença foram  
fundamentais em minha trajetória. Sua memória habita estas páginas como  
parte viva desta conquista.

## AGRADECIMENTOS

“O Senhor é meu Pastor, nada me faltará”

Salmo 23

Em uma tentativa de silenciamento nasceu o impulso de me dedicar aos estudos. Compreendi que o conhecimento seria meu território seguro, intransferível, algo que ninguém poderia me tirar. Esta dissertação é, portanto, também fruto daquela tentativa de exclusão que, sem saber, me lançou ao que hoje se realiza.

Foi pela fé em Deus que este caminho se tornou possível. Nos dias em que a força me faltou, foi Ele quem sustentou meus passos, renovou minha esperança e iluminou a minha mente com sabedoria. Esta dissertação é também fruto dessa confiança silenciosa, construída no diálogo íntimo entre a fé e o esforço.

Nada do que realizo seria possível sem as pessoas que caminharam ao meu lado. Cada etapa foi atravessada por presenças que me ofereceram afeto, apoio, cuidado e partilha. Esta dissertação é também feita dessas mãos invisíveis que sustentam o caminho.

Agradeço à Universidade Federal de São Carlos e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), por me acolherem e oferecerem uma formação crítica, plural e profundamente transformadora.

Ao Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDiM), ao Grupo de Estudos GESTAR e ao Observatório de Políticas Públicas em Educação, Direitos Humanos e Segurança Pública, por serem espaços de escuta, elaboração coletiva, resistência e acolhimento.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araújo, por sua escuta generosa, por sua firmeza gentil e por acreditar na potência desta pesquisa mesmo nos momentos em que eu mesma duvidei. Seu acompanhamento foi presença crítica e afetuosa, e sua orientação deixou marcas para além da dissertação.

Aos professores que compuseram a banca, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes e o Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, por suas leituras atentas e pelas contribuições valiosas que ampliaram meu olhar sobre este trabalho.

Aos docentes do PPGL, por provocarem reflexões que seguirão comigo para além deste trabalho.

Ao meu pai, que acolheu meu filho com carinho e responsabilidade durante o período em que precisei estar distante, cursando parte do mestrado. Seu gesto silencioso, mas profundamente significativo, foi fundamental para que eu pudesse seguir com tranquilidade e foco. Esta dissertação também se sustenta na solidez do seu cuidado.

À minha filha, Maria Luyza, razão da minha luta e do meu afeto. Que ela cresça sabendo que estudar é também um ato de resistência e amor.

A meu filho, João Cleiton, que me acompanhou com maturidade e carinho, mesmo diante das dificuldades. Seu silêncio generoso e sua compreensão foram fundamentais para que eu pudesse seguir.

Às amigas que estiveram ao meu lado com afeto, escuta e parceria. Em especial, ao Caio Mário de Oliveira Magalhães, por compartilhar o lar e, com paciência, atravessar comigo os dias de tempestade hormonal.

E a todas as mulheres que resistem, estudam, cuidam, sonham e ocupam espaços de produção de conhecimento, mesmo quando tudo parece querer afastá-las: este trabalho também é por vocês.

“O senhor... mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as  
pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas  
vão sempre mudando.”

*Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas*

## RESUMO

No mercado contemporâneo, observa-se uma crescente circulação de enunciados aderentes em objetos de uso cotidiano, como camisetas, cuja linguagem mobiliza sentidos sociais e identitários. Neste estudo, propomos analisar, em um site, como se configuram os sentidos de parentalidade em enunciados aderentes impressos em camisetas da marca *Digorestte*, tomando como base a Análise do Discurso de perspectiva enunciativa, especialmente os aportes teóricos de Dominique Maingueneau (2013, 2015, 2020, 2022). Com isso, buscamos compreender de que modo os enunciados aderentes sobre parentalidade atualizam práticas discursivas que atravessam o espaço público e o consumo, e como constroem um *ethos* que interpelam sujeitos-mães e sujeitos-pais. A análise é guiada pelas seguintes questões: como os dizeres aderentes são previamente planejados pelo site da marca para interpelar um sujeito ainda genérico? Como se estabelece a aderência entre os dizeres e o suporte camiseta, especialmente em um momento anterior à apropriação individual — o que propomos chamar de *pré-aderência*? E, por fim, que redes interdiscursivas atravessam esses enunciados e sustentam as formas de reconhecimento social da parentalidade? Para dar conta dessas reflexões, mobilizamos também os aportes de autores como Neyrand (2011), Zornig (2010), Butler (2004), Schneider (2011), Campos e Tílio (2020) e Bauman (2001), com os quais discutimos as noções de parentalidade, performatividade, reconhecimento e ideologia. A análise mostra que os enunciados aderentes sobre parentalidade atuam como dispositivos discursivos que (re)produzem normas e valores sociais associados ao cuidado, à autoridade e à proteção, tensionando o lugar de pais e mães na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** enunciados aderentes; parentalidade; pré-aderência; camisetas; *ethos* discursivo.

## RÉSUMÉ

Dans le marché contemporain, il y a une circulation croissante de déclarations d'adhésion sur des objets quotidiens tels que les T-shirts, dont le langage mobilise des significations sociales et identitaires. Dans cette étude, nous proposons d'analyser, sur un site web, comment les significations de la parentalité sont configurées dans les énoncés adhérents imprimés sur les T-shirts Digorestte, en nous appuyant sur l'Analyse du discours dans une perspective énonciative, et notamment sur les apports théoriques de Dominique Maingueneau (2013, 2015, 2020, 2022). Nous cherchons ainsi à comprendre comment les énoncés adhérents sur la parentalité actualisent des pratiques discursives qui traversent l'espace public et la consommation, et comment ils construisent un *ethos* qui interpelle les sujets-mères et les sujets-pères. L'analyse est guidée par les questions suivantes : comment les énoncés adhérents sont-ils planifiés à l'avance par le site de la marque pour interpeller un sujet encore générique ? Comment s'établit l'adhésion entre les dictons et le support du tee-shirt, surtout dans un moment qui précède l'appropriation individuelle - ce que nous proposons d'appeler la pré-adhésion ? Enfin, quels réseaux interdiscursifs traversent ces énoncés et soutiennent les formes de reconnaissance sociale de la parentalité ? Pour traiter ces réflexions, nous avons également mobilisé les contributions d'auteurs tels que Neyrand (2011), Zornig (2010), Butler (2004), Schneider (2011), Campos et Tílio (2020) et Bauman (2001), avec lesquels nous avons discuté des notions de parentalité, de performativité, de reconnaissance et d'idéologie. L'analyse montre que les énoncés des adhérents sur la parentalité agissent comme des dispositifs discursifs qui (re)produisent des normes sociales et des valeurs associées aux soins, à l'autorité et à la protection, mettant en tension la place des pères et des mères dans la société contemporaine.

**Mots clés** : énoncés d'adhésion ; parentalité ; pré-adhésion ; T-shirts ; *ethos* discursif.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1</b> - Camiseta com enunciado aderente sobre proteção paterna. ....  | 67 |
| <b>Figura 2</b> - Camiseta com enunciado aderente sobre maternidade atípica. ....   | 70 |
| <b>Figura 3</b> - Camiseta com enunciado aderente sobre ideal paterno heroico. ....   | 72 |
| <b>Figura 4</b> - Camiseta com enunciado aderente sobre maternidade intensiva e<br>abnegação materna. ....                        | 76 |
| <b>Figura 5</b> - Camisetas com enunciados aderentes que afirmam identidades parentais e<br>filiais em torno da atipicidade. .... | 80 |
| <b>Figura 6</b> - Camiseta com enunciado aderente que associa o filho a um super-herói sob<br>a perspectiva materna. ....         | 83 |
| <b>Figura 7</b> - Camiseta com enunciado aderente sobre os atributos idealizados da figura<br>paterna. ....                       | 86 |
| <b>Figura 8</b> - Camiseta com enunciado aderente que ironiza a delegação das<br>responsabilidades parentais à mãe. ....          | 89 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 12 |
| <b>1 ANÁLISE DO DISCURSO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS</b> .....         | 21 |
| 1.1 Análise do discurso: história e conceitos .....                              | 22 |
| 1.2 Dominique Maingueneau e a análise do discurso: um percurso. 24               |    |
| 1.3 Os enunciados aderentes .....  | 28 |
| 1.4 Do enunciado em espera: propondo a categoria de pré-aderência .....          | 35 |
| 1.5 O site como suporte mediador .....   | 38 |
| <b>2 PARENTALIDADE E TEORIAS DO PARENTESCO</b> .....                             | 40 |
| 2.1 O conceito de parentalidade: mães e pais na contemporaneidade. ....          | 43 |
| 2.2 Breve histórico do conceito de parentalidade.....                            | 50 |
| 2.3 Claude Lévi-Strauss e o sistema de parentesco .....                          | 53 |
| 2.4 David Schneider e a desconstrução do parentesco biológico ....               | 55 |
| 2.5 Judith Butler e a performatividade de gênero nas parentalidades.. ..         | 57 |
| <b>3 ANÁLISE DOS ENUNCIADOS ADERENTES SOBRE PARENTALIDADE EM CAMISETAS</b> ..... | 60 |
| 3.1 O que dizem as camisetas? Uma análise discursiva de suportes que falam ..... | 65 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 93 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 95 |

## INTRODUÇÃO

Frases como “Mãe: a CEO da casa sem salário”, “Pai: herói sem capa, mas com uma caixa de ferramentas” e “Pais unidos, filhos felizes” estão entre os muitos enunciados estampados em camisetas que materializam a complexidade da parentalidade na contemporaneidade. À primeira vista, essas frases podem parecer simples ou bem-humoradas, mas carregam em si representações sociais que reproduzem formações discursivas sustentadas por ideologias de gênero, normatizações familiares e expectativas culturais sobre o que significa ser mãe ou pai.

A presente dissertação investigará de que maneira esses enunciados refletem, reforçam ou tensionam estereótipos relacionados à parentalidade, situando-os no contexto das construções sócio-históricas que moldam as noções contemporâneas de maternidade e paternidade. Para isso, propomos uma análise discursiva de frases estampadas em camisetas comercializadas no site oficial da marca Digorestte, considerando sua função simbólica e performativa, mesmo antes de serem incorporadas por um sujeito.

A pesquisa é fundamentada nos estudos do linguista Dominique Maingueneau, em especial na obra *Enunciados Aderentes* (2022), em que o autor define esse tipo de enunciado como uma expressão escrita integrada a um suporte não verbal - como uma camiseta - e que ganha sentido em sua articulação com a materialidade que o sustenta. No entanto, no presente estudo, o material empírico não envolve camisetas efetivamente vestidas, mas peças disponíveis para compra no site, ainda descoladas de um corpo expressador.

Por esse motivo, propõe-se aqui a categoria analítica de pré-aderência, entendida como o estado discursivo anterior à apropriação efetiva do enunciado, mas no qual o dizer já projeta sentidos, convoca posições de sujeito e participa de uma rede de significações culturais sustentadas por formações discursivas ideologicamente marcadas por discursos de gênero, autoridade parental e consumo identitário.

A parentalidade, conforme Neyrand (2016), passou de uma concepção estritamente biológica para um campo relacional e subjetivo, marcado por

transformações sociais e culturais que desafiam modelos tradicionais de família nuclear. As transformações nas configurações familiares contemporâneas têm sido objeto de interesse em diferentes campos do conhecimento, especialmente nas ciências sociais e nos estudos de gênero. Autores como Gorin et al. (2015) destacam a diversidade de arranjos familiares contemporâneos - incluindo famílias monoparentais, recasados e homoparentais - que coexistem com os modelos convencionais de maternidade e paternidade.

No entanto, embora essas pesquisas revelem importantes mudanças estruturais e sociais, elas tendem a se concentrar na descrição dos arranjos familiares, sem considerar os modos como tais transformações se materializam discursivamente no cotidiano. É justamente nesse ponto que esta pesquisa propõe um deslocamento: ao invés de analisar as estruturas familiares em si, investiga os sentidos que são produzidos, reiterados ou tensionados por meio de enunciados sobre parentalidade impressos em camisetas.

A perspectiva psicanalítica também contribui para a compreensão da parentalidade enquanto processo dinâmico, permeado por identificações e projeções inconscientes. Zornig (2010) argumenta que a parentalidade envolve um investimento afetivo de longo prazo, atravessado por aspectos da subjetividade e da transmissão geracional. Nesse sentido, os enunciados aderentes sobre parentalidade inscritos em camisetas evocam emoções e expectativas sociais sobre pais e mães, podendo reforçar ideais normativos ou questioná-los.

Por conseguinte, Schneider (2016) problematiza a centralidade da biologia na constituição do parentesco, defendendo que este é um sistema simbólico e culturalmente construído. Sua abordagem permite analisar como enunciados sobre parentalidade em camisetas participam da definição e legitimação de determinados modelos de família. A performatividade de gênero, conforme Butler (2003), também se apresenta como um fator essencial para compreender como tais enunciados reforçam ou desafiam papéis tradicionalmente atribuídos a pais e mães.

Dessa forma, no contexto contemporâneo, a parentalidade é atravessada por dinâmicas da modernidade líquida, caracterizada pela efemeridade das

relações (Bauman, 2004). Mazzucatto (2023) argumenta que, nesse cenário, o compromisso afetivo exigido pela parentalidade se contrapõe à lógica do consumo, que privilegia satisfação imediata e descartabilidade. Assim, os discursos presentes em camisetas podem tanto refletir essa tensão quanto atuar na sua reconfiguração, promovendo representações idealizadas da parentalidade ou desafiando normas sociais estabelecidas.

A materialidade dos enunciados aderentes também desempenha um papel fundamental na configuração dos sentidos sobre a parentalidade. Ao se fixarem em camisetas, tais enunciados também reforçam um imaginário social sustentado por formações ideológicas que legitimam certas formas de afeto, autoridade e identidade parental em detrimento de outras. Isso significa que os sentidos não emergem apenas das palavras impressas, mas da relação entre linguagem, suporte e contexto sociocultural. Diante desse quadro, esta pesquisa propõe-se à seguinte investigação: De que maneira os enunciados aderentes sobre parentalidade em camisetas operam na construção e na circulação de sentidos sobre maternidade e paternidade?

Assim, o nosso **objetivo geral** é: Investigar, à luz da Análise do Discurso de base enunciativa, como estampados em camisetas disponíveis no site da marca Digorestte operam na construção e circulação de sentidos sobre a parentalidade no contexto contemporâneo. A investigação busca compreender de que maneira esses dizeres, ancorados em suportes materiais e visuais, (re)produzem, reforçam ou tensionam estereótipos parentais, especialmente em relação às normas de gênero, a partir da articulação entre linguagem, corpo e materialidade.

Dessa forma, os **objetivos específicos** são: a) analisar as formações discursivas presentes nos enunciados estampados nas camisetas da marca Digorestte, com foco nos sentidos produzidos sobre maternidade e paternidade à luz das relações entre linguagem, gênero e parentalidade; b) investigar os modos de circulação e projeção de sentidos desses enunciados no ambiente digital, a partir da articulação entre linguagem e materialidade, com base na noção de enunciado aderente (Maingueneau, 2022) e na categoria analítica de pré-aderência aqui proposta; e c) examinar as construções discursivas que

sustentam tanto visões normativas quanto posicionamentos contra-hegemônicos sobre a parentalidade. Para tanto, esta dissertação adota como metodologia estudos discursivos de base enunciativa, conforme os aportes teóricos de Dominique Maingueneau, considerando a materialidade dos suportes e a constituição discursiva dos sujeitos.

A relevância da parentalidade como objeto de estudo justifica-se por seu caráter interseccional, envolvendo discursos sobre família, gênero e identidade. A abordagem dos enunciados aderentes permite compreender como elementos linguísticos e materiais interagem na construção de sentidos sobre a parentalidade. Ademais, o estudo das camisetas, considerando a cenografia<sup>1</sup> que cada enunciado constrói, contribui para ampliar a reflexão sobre as formas de inscrição e encenação do discurso no cotidiano e suas implicações ideológicas, sobretudo no que se refere à normatização de comportamentos parentais e às estratégias de reprodução simbólica operadas pela linguagem.

Outra justificativa para esta pesquisa está na necessidade de aprofundar as discussões sobre a circulação de discursos no espaço público, especialmente em suportes não tradicionais como vestuário. As camisetas, nesse contexto, funcionam como instrumentos de posicionamento político e social, capazes de materializar enunciados que participam das disputas simbólicas em torno da parentalidade. A análise dos enunciados aderentes nesses suportes permite compreender de que modo determinadas representações sobre parentalidade são reiteradas, contestadas ou ressignificadas no tecido social contemporâneo.

Além disso, ao considerar a interseção entre discurso e materialidade, esta pesquisa se insere em um campo de estudos que problematiza as relações entre linguagem, cultura e consumo. Em um cenário em que os discursos são cada vez mais mediados por suportes diversos, entender como os enunciados aderentes operam na construção simbólica da parentalidade possibilita novas

---

<sup>1</sup> “Desde sua emergência, a palavra supõe uma certa situação de enunciação, a qual, com efeito, é validada progressivamente por meio dessa mesma enunciação. Assim, a cenografia é, ao mesmo tempo, origem e produto do discurso; ela legitima um enunciado que, retroativamente, deve legitimá-la e estabelecer que essa cenografia de onde se origina a palavra é precisamente a cenografia requerida [...], para instituir e validar o próprio discurso. ‘Quanto mais o co-enunciador avança no texto, mais ele deve se persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso’” (MAINGUENEAU, 2006, p. 114).

reflexões sobre a produção e a circulação de sentidos na sociedade contemporânea.

Dessa forma, com o intuito de mapear a produção acadêmica sobre o tema, foi realizada uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que reúne os trabalhos dos programas de pós-graduação *stricto sensu* reconhecidos pela CAPES.

A BDTD constitui-se como uma ferramenta imprescindível para o desenvolvimento de pesquisas em nível de mestrado e doutorado, na medida em que possibilita ao pesquisador conhecer o estado da arte de seu objeto de investigação, evitando sobreposições temáticas e identificando lacunas ainda não exploradas pela comunidade científica. Além disso, consultar previamente esse repositório contribui para o aprofundamento teórico e metodológico do trabalho, permitindo a interlocução com autores e abordagens diversas já consolidadas no campo.

A importância de recorrer à BDTD antes da elaboração de uma dissertação reside não apenas na possibilidade de mapear as produções existentes sobre determinada temática, mas também na função crítica que esse levantamento exerce. Ao identificar o que já foi investigado, quais os enfoques predominantes, quais metodologias foram utilizadas e quais os referenciais teóricos mobilizados, o pesquisador amplia suas possibilidades analíticas, assegura a pertinência e a atualidade de sua proposta e contribui para o avanço do conhecimento científico na área.

Nesse sentido, o levantamento realizado na BDTD fundamentou-se na busca por dissertações e teses que apresentassem afinidade com os eixos temáticos desta pesquisa, a saber: parentalidade, análise do discurso e enunciados aderentes. Para realizar a busca, utilizaram-se como descritores os termos “Enunciados Aderentes”, “Parentalidade” e “Análise do Discurso”. Esses descritores foram escolhidos por estarem diretamente relacionados ao objeto e aos fundamentos teóricos da presente dissertação. A busca foi delimitada por critérios de inclusão e exclusão, com o objetivo de garantir a relevância, atualidade e pertinência dos trabalhos analisados.

Os critérios de inclusão adotados foram: textos redigidos em língua portuguesa; trabalhos publicados entre os anos de 2014 e 2024; presença dos descritores no título, resumo ou palavras-chave; e aderência temática ao campo das ciências humanas, em especial às pesquisas que adotam a Análise do Discurso de linha francesa, com base em autores como Pêcheux, Maingueneau e Orlandi. Por sua vez, os critérios de exclusão compreenderam a eliminação de trabalhos escritos em línguas estrangeiras; publicações anteriores ao ano de 2014; estudos que, embora utilizassem os mesmos descritores, estivessem inseridos em contextos técnicos ou biomédicos sem relação com a perspectiva discursiva adotada nesta pesquisa; e trabalhos que não apresentavam acesso livre ao texto completo na plataforma da BDTD.

Nessa perspectiva, a aplicação desses critérios permitiu refinar os resultados da busca, garantindo a qualidade e a compatibilidade dos materiais consultados com os objetivos desta dissertação. A busca, no entanto, revelou uma escassez de trabalhos que explorassem especificamente a noção de enunciados aderentes articulada à parentalidade e à materialização do discurso em suportes.

**Quadro 1** - Pesquisas retornadas

| ANO  | AUTOR                     | TÍTULO  | TIPO        |
|------|---------------------------|---|-------------|
| 2017 | SIFUENTES, M.<br>C. V. S. | Práticas identitárias da parentalidade na modernidade tardia: a reflexividade do homem-pai à luz da Análise de Discurso Crítica | Dissertação |
| 2020 | SILVA, G.                 | Autismo, sexualidade e parentalidade: uma análise lacaniana dos discursos de familiares   | Dissertação |
| 2023 | RODRIGUES, B.             | Alienação parental: uma análise do discurso jurídico  | Dissertação |
| 2024 | MATOS, J. W.<br>V.        | As embalagens que falam: <i>ethos</i> em enunciados aderentes dos produtos Lola Cosmetics                                       | Dissertação |

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A dissertação de Sifuentes (2017) analisa os discursos de homens-pais sobre a paternidade na modernidade tardia, com base na Análise de Discurso Crítica de Fairclough, fazendo uso de dados de blogs e grupos focais para compreender a constituição identitária desses sujeitos. Diferencia-se da presente pesquisa por não utilizar a teoria de Maingueneau nem a noção de enunciados aderentes, além de centrar-se na figura do pai e em interações verbais digitais, não em objetos de consumo como camisetas.

A dissertação de Silva (2020) discute parentalidade, sexualidade e autismo a partir da teoria dos quatro discursos de Lacan, com base em entrevistas com familiares de adolescentes autistas, focando nos efeitos psíquicos e discursivos da condição autista nos vínculos familiares. Distancia-se, assim, da presente pesquisa por sua abordagem psicanalítica, sem vínculo com a Análise do Discurso francesa, nem com Maingueneau ou os enunciados aderentes. O foco temático também é outro, o autismo, não a parentalidade no consumo cotidiano.

Rodrigues (2023) analisa discursos jurídicos sobre alienação parental a partir da Análise do Discurso de Pêcheux, enfocando decisões judiciais e seus efeitos de sentido em relações de poder e ideologia. Apesar de utilizar a AD francesa, não trabalha com Maingueneau nem com enunciados aderentes, além de se concentrar no discurso jurídico, o que o afasta da proposta desta dissertação, voltada à linguagem em objetos culturais.

A dissertação de Matos (2024) analisa enunciados aderentes presentes em embalagens da marca Lola Cosmetics, fundamentando-se em Maingueneau para investigar o ethos discursivo na personificação do produto em primeira pessoa. Embora ambas as pesquisas compartilhem o mesmo referencial teórico, diferenciam-se principalmente pelo suporte em que os enunciados se materializam: no caso de Matos, as embalagens de cosméticos; no presente estudo, as camisetas. Além disso, há distinções quanto ao campo temático e aos efeitos de sentido priorizados, pois a pesquisa de Matos aborda a publicidade e o consumo cosmético, enquanto essa se dedica à parentalidade e aos discursos que a atravessam.

Assim, apesar de dialogarem com temas próximos, as dissertações diferem significativamente quanto ao corpus, ao suporte material e à perspectiva de análise. Dessa forma, a estrutura desta dissertação foi organizada de modo a articular, progressivamente, os fundamentos teóricos, metodológicos e analíticos que sustentam a investigação sobre os enunciados aderentes acerca da parentalidade. Para isso, o trabalho compõe-se de três capítulos, além da Introdução e das Considerações finais.

O Capítulo 1, “Análise do Discurso: fundamentos teóricos e metodológicos”, apresenta os aportes teóricos da Análise do Discurso, com destaque para a perspectiva enunciativa proposta por Dominique Maingueneau. São trabalhados os conceitos de formação discursiva, cena de enunciação, *ethos* e enunciado aderente, com ênfase na articulação entre linguagem e materialidade. O capítulo também propõe a categoria analítica de pré-aderência, compreendida como o estado discursivo anterior à apropriação do enunciado por um sujeito expressador, e explicita os procedimentos metodológicos adotados para a análise do corpus.

O Capítulo 2, “Parentalidade e teorias do parentesco”, apresenta o referencial teórico que fundamenta a análise dos enunciados aderentes sobre parentalidade. São discutidas as transformações históricas, sociais e simbólicas do conceito de parentalidade, com base em autores como Neyrand, Zornig, Schneider, Butler, Bauman e Mazzucatto. O capítulo examina como os discursos sobre maternidade e paternidade são construídos e performados, evidenciando tensões entre modelos normativos e práticas parentais contemporâneas marcadas por pluralidade, afetividade e desigualdade de gênero.

O Capítulo 3, “Análise dos enunciados aderentes sobre parentalidade em camisetas”, apresenta a análise dos dizeres estampados nas camisetas da marca Digorestte, tomando-os como enunciados aderentes que produzem sentidos sobre maternidade e paternidade. A partir da proposta da pré-aderência, investiga-se como esses enunciados mobilizam discursos de autoridade, sacrifício, orgulho, humor e ironia, projetando posições identitárias que tanto reiteram quanto tensionam modelos tradicionais de parentalidade. A

análise evidencia a atuação dos enunciados como dispositivos de interpelação e como mercadorias simbólicas no contexto do consumo identitário.

## **1 ANÁLISE DO DISCURSO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD), com ênfase na abordagem enunciativa proposta por Dominique Maingueneau. Para isso, serão percorridas as principais fases do desenvolvimento da AD, desde sua consolidação como campo teórico nos anos 1960 até suas reformulações contemporâneas, incorporando conceitos como interdiscurso, memória discursiva e ideologia. Além disso, serão discutidas as contribuições de Michel Foucault e outros estudiosos para a compreensão da relação entre discurso e poder, demonstrando como essas abordagens influenciam as análises discursivas na atualidade. Assim, essa contextualização permitirá compreender os pressupostos teóricos que embasam a presente pesquisa e sua relação com a materialidade dos enunciados.

Em seguida, será abordado o percurso teórico de Dominique Maingueneau, o qual introduziu importantes conceitos na AD, como as cenas da enunciação, os discursos constituintes e a enunciação aforizante. Essas formulações redefinem a maneira como se é compreendido a produção de sentido, enfatizando que o discurso não apenas veicula informações, mas estrutura relações sociais e institui realidades. A teoria dos enunciados aderentes, foco central desta pesquisa, será apresentada como um desdobramento das reflexões de Maingueneau sobre a relação entre linguagem e suporte material. Ao longo do capítulo, será demonstrado como a ideia de aforização levou à formulação dos enunciados aderentes, deslocando a análise do discurso para além do modelo comunicacional clássico.

Por fim, será explorado o conceito de enunciados aderentes, estabelecendo sua relação com as demais categorias discursivas e demonstrando sua importância para a análise do discurso inscritos em suportes materiais do cotidiano. Esses enunciados se caracterizam por sua integração com um objeto, como camisetas, cartazes, embalagens, e por sua capacidade de produzir sentidos por meio da articulação entre linguagem, suporte e contexto

de circulação. Dessa forma, esse referencial teórico servirá de base para a investigação dos enunciados aderentes presentes em camisetas que enunciam posições discursivas sobre parentalidade, analisando como esses discursos contribuem para a construção de sentidos sobre as relações familiares e os papéis parentais na sociedade contemporânea.

### **1.1 Análise do discurso: história e conceitos**

A história da Análise do Discurso (AD) está longe de seguir uma trajetória linear e homogênea. Segundo Maingueneau (2015), seu desenvolvimento se deu por caminhos diversos, atravessando diferentes países e tradições teóricas. A AD emergiu no final dos anos 1960 como uma tentativa de articular as dimensões linguísticas e ideológicas da linguagem, surgindo da insatisfação com os limites da linguística estrutural e da análise puramente textual. Nascida em um contexto de efervescência política e teórica, ela buscava compreender o funcionamento do discurso em sua materialidade e sua inserção nas formações sociais.

O mesmo autor afirma que não é possível traçar uma história única da AD, pois trata-se de uma área marcada por múltiplas filiações e reconfigurações. Em vez de uma disciplina autônoma com fronteiras bem definidas, a AD é caracterizada por seu caráter interdisciplinar e por uma constante hibridização de teorias. Essa diversidade manifesta-se, por exemplo, no modo como diferentes países e escolas desenvolveram abordagens específicas, incorporando elementos da linguística, da filosofia, da sociologia, da psicanálise e da história.

Um marco importante para a consolidação da AD foi a crítica à linguística formalista. Ao rejeitar a concepção de linguagem, informa Maingueneau (2015), como sistema autônomo de signos, a AD propôs uma abordagem que considera a linguagem em sua dimensão social e histórica. Nesse sentido, o discurso não é apenas um conjunto de frases bem formadas, mas uma prática atravessada por relações de poder, posições ideológicas e condições de produção. Desse

modo, o foco da análise se desloca do texto para a enunciação e sua inscrição em uma formação discursiva.

A história da AD, conforme delineada por Maingueneau (2015), é também uma história de convergências e hibridações. As fronteiras entre as disciplinas foram sendo gradualmente borradas, permitindo o surgimento de zonas de intersecção entre teorias do discurso, pragmática, semiótica, hermenêutica e análise textual. Nesse processo, a AD foi absorvendo e reelaborando conceitos de diversas tradições, como o interdiscurso, o sujeito, a ideologia, a heterogeneidade e a cena enunciativa, o que contribuiu para sua constante renovação teórica.

Embora a AD tenha se desenvolvido em diversos países, é na França que ela adquiriu uma configuração particularmente marcante. O contexto francês da década de 1960 foi propício ao florescimento de uma abordagem discursiva fortemente influenciada por Michel Foucault e pela tradição estruturalista. A vertente francesa da AD foi marcada por uma tensão produtiva entre linguística e teoria social, o que levou à formulação de conceitos originais como formação discursiva (Pêcheux) e posição de sujeito.

A contribuição de Michel Pêcheux foi decisiva para a configuração da AD na França. Sua proposta de articular linguística e materialismo histórico inaugurou uma vertente profundamente comprometida com a crítica ideológica e a análise das formações discursivas. A partir de Pêcheux, lembra Maingueneau (2015), o discurso passou a ser entendido como efeito de sentidos que não se originam no sujeito, mas na relação entre linguagem, história e ideologia. Essa concepção rompe com a ideia de sujeito plenamente consciente e autônomo, substituindo-a por uma noção atravessada pela memória discursiva.

Outro aspecto importante da AD francesa, segundo o autor, é o papel atribuído ao interdiscurso. A produção de sentido não se dá apenas no interior de um texto ou de uma fala, mas no entrecruzamento com outros discursos anteriores e concorrentes. Essa noção de interdiscurso desafia a ideia de originalidade e autonomia do discurso, revelando sua natureza profundamente dialógica e polifônica. A análise do discurso, assim, não pode prescindir da consideração do já-dito que habita e condiciona cada enunciado.

A AD também se viu confrontada com a necessidade de se abrir a outras formas de expressão discursiva além do verbal. Com o avanço das mídias e das práticas comunicacionais contemporâneas, tornou-se inevitável integrar o visual, o audiovisual e os gestos como componentes constitutivos dos discursos. Esse movimento levou a uma aproximação com a semiótica e os estudos culturais, expandindo o campo da AD para além das fronteiras da linguística e da filosofia da linguagem (Maingueneau, 2015).

Apesar de sua pluralidade interna, Maingueneau (2015) observa que a AD mantém certa coerência em torno de alguns princípios metodológicos e epistemológicos: o deslocamento do foco da língua para o discurso, a ênfase nas condições de produção e a recusa de uma teoria do sujeito como origem dos sentidos. Tais princípios permitem à AD lidar com fenômenos discursivos variados sem renunciar ao rigor teórico, ao mesmo tempo em que preserva sua abertura ao diálogo interdisciplinar e à renovação conceitual.

## **1.2 Dominique Maingueneau e a análise do discurso: um percurso**

O percurso epistemológico de Dominique Maingueneau, conforme Baronas e Ponsoni (2019), é um dos mais relevantes no campo da Análise do Discurso, especialmente na vertente enunciativa.

Sua obra não apenas reformulou concepções tradicionais da análise discursiva, mas também ofereceu novas ferramentas teóricas para a compreensão dos processos enunciativos. Segundo Baronas e Ponsoni (2019, p. 86):

o percurso teórico-metodológico do discursivista francês Dominique Maingueneau acerca de uma análise de discurso de base enunciativa ainda não foi sistematicamente objeto de estudo nem na geografia francesa nem na brasileira.

A primeira grande contribuição de Maingueneau reside na noção de semântica global, desenvolvida em sua obra *Gênese dos Discursos* (2005). Para o autor, o discurso não pode ser reduzido a uma estrutura linear ou meramente

sintática, mas deve ser compreendido em sua totalidade semântica e pragmática.

Como apontam Baronas e Ponsoni (2019, p. 87):

a semântica global de Maingueneau propõe-se, então, a investigar diversos gêneros engendrados pelos jansenistas e humanistas, para compreender o embate discursivo entre essas duas correntes religiosas e, mais ainda, observar como os discursos, pelas hipóteses, funcionam como práticas e processos discursivos.

Outro conceito fundamental é o de cenas da enunciação, introduzido por Maingueneau para superar limitações das abordagens tradicionais da análise do discurso, como a ênfase excessiva na intenção do locutor, na estabilidade do contexto comunicativo e na linearidade da transmissão da mensagem. Diferente da “situação de comunicação” presente em teorias da pragmática e da linguística funcional, que muitas vezes tratam o contexto como um dado externo e pré-existente, as cenas de enunciação consideram a relação entre o locutor, o contexto e o próprio discurso como instâncias que se co-constituem e se reconfiguram mutuamente. Essa abordagem é fundamental para compreender discursos literários, midiáticos e políticos, pois permite analisar os efeitos de sentido produzidos em diferentes contextos discursivos (Maingueneau, 2008).

Além disso, a teoria dos discursos constituintes representa uma contribuição significativa de Maingueneau para a Análise do Discurso por propor que certos discursos - como o literário, o filosófico, o científico e o religioso - não apenas descrevem a realidade, mas a instituem significativamente. Essa inovação teórica amplia o escopo da análise discursiva, permitindo compreender como determinados enunciados produzem efeitos de fundação simbólica de domínios do saber e da experiência social. Segundo Baronas e Ponsoni (2019, p. 92):

com a introdução da noção de discursos constituintes que seriam, entre eles, o discurso literário, o discurso filosófico, o discurso científico e o discurso religioso, Maingueneau busca e faz, analítica e teoricamente, com que essas mesmas categorias epistemológicas mudem sua operacionalidade.

Assim, observa-se que essa concepção permite uma abordagem discursiva diferenciada, na medida em que analisa os textos não apenas como reflexo da realidade, mas como elementos que participam ativamente da constituição de práticas sociais e culturais.

Há que se destacar, ainda, no percurso de Maingueneau, a enunciação aforizante, um conceito que se relaciona com a circulação de frases destacadas em contextos diversos. Como observam Baronas e Ponsoni (2019, p. 96): “Maingueneau procura mostrar, por um lado, como certos textos circulam: se inteiros, em fragmentos, adaptados, em edições originais, transformados, traduzidos”. Essa perspectiva tem implicações relevantes para a análise do discurso político e midiático, em que frases de efeito ganham destaque e se tornam elementos centrais da argumentação.

Assim, o percurso teórico de Dominique Maingueneau (Baronas; Ponsoni, 2019) em direção à formulação do conceito de enunciado aderente é marcado por uma série de elaborações que buscam compreender os modos de circulação e de legitimação dos dizeres no espaço discursivo.

Um de seus pontos de partida é o estudo da sobreasseveração (*surassertion*), conceito que designa enunciados construídos para ganhar evidência e pregnância dentro de um texto, preparando-os para um possível destacamento posterior. Como observa Cabral (2021), Maingueneau (2008) não compreende essa prática apenas como uma ênfase retórica, mas como um mecanismo de autonomização enunciativa: “a autonomização da sobreasseveração em relação ao texto de origem vai mais longe quando existe uma transformação do enunciado” (Maingueneau, 2008, p. 86).

A partir dessa discussão, Maingueneau amplia seu interesse teórico para o papel da mídia na reconfiguração dos dizeres. Jornalistas, editores e assessores de imprensa operam como mediadores que organizam declarações em formatos capazes de circular de forma destacada. Nesse contexto, a sobreasseveração passa a ser distinguida de um outro fenômeno: a aforização. Enquanto a primeira diz respeito à configuração interna do texto, a segunda refere-se a um regime enunciativo distinto, segundo o qual o enunciado se

desprende de sua matriz textual para operar como um dito absoluto. Nas palavras de Maingueneau (2008, p. 43):

a sobreasseveração, que prepara um fragmento destacável, é um fenômeno que está relacionado ao funcionamento textual, enquanto o enunciado destacado implica um regime enunciativo específico, não textual, o qual designaremos pelo termo aforização.

A aforização constitui, portanto, uma ruptura com o regime textualizante. Em vez de integrar o enunciado a uma cadeia discursiva comunicacional, ela o insere em uma cena enunciativa autônoma, em que se projeta como um enunciado pleno, desvinculado de um destinatário determinado. Essa lógica aforizante é definida por Maingueneau (2014) como uma forma de dizer absoluto, capaz de produzir efeitos de verdade e universalidade. A aforização confere ao enunciado uma aparência de intemporalidade, o que o aproxima da tradição das frases nominais e dos provérbios, como observa Cabral (2021), assim, trata-se de um “dizer verdadeiro” pronunciado por um Sujeito que se apresenta como portador de uma verdade geral.

Esse regime enunciativo se sustenta, ainda, em determinadas características formais: frases curtas, ritmo simétrico, estrutura paralelística e densidade semântica. A concisão e a pregnância funcionam como elementos que favorecem a memorização e a circulação. Exemplos como manchetes jornalísticas, slogans publicitários e sentenças filosóficas ilustram como a aforização opera como dispositivo de autoridade discursiva, favorecendo o destaque e a reinterpretação dos enunciados em múltiplos contextos. A esse respeito, Maingueneau (2010, p. 14) sublinha que a aforização cria um “dizer puro, quase próximo de uma consciência”, o que aponta para sua pretensão de verdade desvinculada da dialogicidade.

No campo midiático, tal pretensão se intensifica com o uso de estratégias paratextuais que conferem legitimidade ao enunciador. Fotografias de rostos ou nomes de figuras públicas vinculadas aos enunciados destacam a autoria e reforçam o valor do dito. Assim, como afirma Maingueneau (2010, p. 17), “a aforização, na medida em que exprime esse Sujeito, diz o que é, não no instante, mas na duração atemporal do valor”. Trata-se, dessa forma de uma forma de

enunciação que visa deslocar o foco do contexto de produção para a força performativa do enunciado em si.

A essa lógica, Maingueneau (2022) contrapõe, em trabalhos mais recentes, o conceito de enunciado aderente. Esse conceito descreve enunciados que não se separam da instância enunciativa que os origina. Ao contrário da aforização, o enunciado aderente permanece vinculado à cena comunicativa que o legitima. Isso significa que sua circulação está condicionada à manutenção de suas marcas de origem, pois ele não pretende existir como um dito absoluto, mas como parte de uma cadeia discursiva em que faz sentido.

À vista disso, a diferença entre aforização e enunciado aderente se torna especialmente clara quando se introduz a noção de cenografia enunciativa. Como discute Maingueneau (2012), cada regime enunciativo constrói um tipo específico de cena de fala. Enquanto o enunciado aforizante rompe com a cena textual e reivindica um espaço autônomo de enunciação, o enunciado aderente se ancora em uma cena estável e relacional, implicando um enunciador, um destinatário e um universo de referência compartilhado. A cenografia, nesse ponto, também se torna relevante como conceito auxiliar: ela se refere aos modos como os gêneros discursivos moldam essas cenas e modulam os regimes de legitimidade dos dizeres.

Posto isso, como observam Baronas e Ponsoni (2019), a contribuição de Maingueneau consiste em oferecer um modelo teórico capaz de dar conta das múltiplas formas de enunciação que coexistem no espaço público. A aforização, o enunciado aderente e a cenografia formam um sistema conceitual coerente, que permite abordar desde os dizeres mais institucionalizados até os enunciados mais fugidios e efêmeros.

### **1.3 Os enunciados aderentes**

Segundo Matos (2024), a noção de enunciados aderentes desenvolvida por Maingueneau emerge de uma trajetória teórica que problematiza pressupostos tradicionais sobre a enunciação e a comunicação. Suas reflexões iniciais sobre o regime aforizante já apontam para um deslocamento da

concepção clássica de enunciado ao evidenciar que certos dizeres são produzidos com vocação para a circulação autônoma, extrapolando os limites de um gênero discursivo específico.

Nesse percurso, destaca Matos (2024), Maingueneau se afasta da perspectiva interacionista clássica, que pressupõe uma relação dialógica estável entre locutor e destinatário. Ao analisar casos como a enunciação religiosa mediada ou a multilocução em discursos coletivos, Maingueneau amplia seu escopo de investigação para compreender formas de enunciação em que a comunicação se dá por meio de processos mais difusos, nos quais a relação com o destinatário não é direta nem imediata, mas mediada por instâncias institucionais, suportes materiais ou coletivos discursivos.

Vale acrescentar que esse desenvolvimento teórico converge com os estudos de Paveau (2010) que questionam o antropocentrismo e o dualismo enunciativo, propondo que um enunciado não precisa necessariamente ser dirigido a alguém para cumprir sua função discursiva. Embora Maingueneau, destaca Matos (2024), não compartilhe todas as premissas do pós-dualismo de Paveau, ambos convergem na necessidade de repensar a enunciação para além da relação sujeito-sujeito tradicional.

É nesse contexto que o autor identifica enunciados que não operam prioritariamente na lógica de uma comunicação interativa entre falantes, mas, sim, na relação direta entre linguagem e materialidade. A partir dessa constatação, Maingueneau (2022) formaliza o conceito de enunciados aderentes, que são aqueles cuja significação se constrói na relação com o suporte físico. Placas, rótulos, tatuagens e outras inscrições configuram exemplos emblemáticos desse tipo de enunciação, em que o próprio meio material define - e é definido pela - forma e pelos efeitos do enunciado.

Os enunciados aderentes representam, portanto, um desdobramento natural das investigações de Maingueneau sobre regimes enunciativos que escapam à normatividade do modelo interacional clássico. Ao reconhecer que certas manifestações discursivas não dependem da tradicional relação entre um locutor e um destinatário imediato, o autor reforça a necessidade de ampliar os horizontes da Análise do Discurso para incluir dimensões materiais e

institucionais, entendidas como dispositivos e regras que regem a circulação e a legitimação dos discursos em determinados campos sociais, como a escola, a mídia, a religião ou a ciência. Com isso, ele propõe que a comunicação não deve ser vista apenas como um processo de troca entre indivíduos, mas como um fenômeno integrado a suportes físicos e a formações discursivas organizadas, com normas próprias de produção, circulação e recepção dos enunciados. Essa perspectiva permite que se compreenda a enunciação em sua complexidade, considerando a interdependência entre o texto e o contexto material que o sustenta, redefinindo os modos pelos quais os discursos se articulam no espaço social (Matos, 2024).

O conceito de “enunciados aderentes” (EA), assim, foi introduzido por Maingueneau (2022) como uma categoria discursiva que desafia as fronteiras tradicionais entre linguagem e materialidade. Diferente dos enunciados clássicos, os EA não são independentes, mas fazem parte de um objeto ou espaço físico que lhes serve de suporte. São encontrados em lugares tão diversos quanto camisetas, embalagens, placas de rua e até no corpo humano, como ocorre com tatuagens. O estudo desses enunciados leva a repensar o conceito do discurso, pois eles reconfiguram a identidade do objeto ao qual estão fixados.

Matos e Mendes (2023, p. 3), inspirando-se em Maingueneau, ilustram o conceito com um trecho do clássico de Lewis Carroll:

Para uma síntese do que seria um enunciado aderente, observemos a seguinte passagem do livro *Alice no país das maravilhas*: “(...) se você bebe muito de uma garrafa em que está escrito ‘veneno’, é quase certo que vai se sentir mal, mais cedo ou mais tarde” (CARROLL, 2013, p.34). Esse trecho não possui o traço nonsense característico da obra; ao contrário, pela fala infantil de Alice, constata-se uma dimensão evidente em certas manifestações discursivas, porém ignorada pelas teorias: a palavra “veneno” não só está inscrita sobre a garrafa, mas modifica sua natureza (identidade) a ponto de pressupormos se seu conteúdo é benéfico ou mortal. Essa é a definição de um enunciado aderente, uma forma verbal escrita que se integra a uma materialidade, afetando-se mutuamente.

Maingueneau (2022) destaca que a Análise do Discurso tradicionalmente negligenciou os EA, pois seu foco recai sobre enunciados estritamente verbais. Contudo, ao ignorar esses enunciados, perde-se uma parte significativa da comunicação cotidiana, que não se dá apenas por meio de textos isolados, mas

também na interação entre palavras e objetos. Nessa perspectiva, a existência dos EA desafia a ideia de que a linguagem pode ser separada do mundo material, revelando uma interdependência complexa entre discurso e suporte físico.

Dessa forma, um dos aspectos centrais dos EA é sua relação com o suporte. Diferente de um panfleto colado em um poste, afirma Maingueneau (2022), que pode ser removido sem alterar seu significado, os enunciados aderentes fazem parte do próprio objeto. Por exemplo, uma placa indicando “Legumes” em um supermercado não apenas categoriza os produtos ali expostos, mas também contribui para a organização espacial do ambiente e para a experiência de compra do consumidor.

A aderência do enunciado ao suporte não significa que ele seja meramente informativo. Em muitos casos, o EA transforma a identidade do objeto. Uma camiseta na qual esteja escrito “Eu amo Nova York” não é apenas uma peça de roupa, mas um objeto carregado de significado cultural e afetivo. Do mesmo modo, pode-se pensar em outro exemplo: uma embalagem de cigarros com “Fumar mata” não apenas informa sobre os riscos do tabagismo, mas também tenta influenciar comportamentos.

Por conseguinte, a relação entre o EA e seu suporte pode ser de diferentes naturezas. Alguns casos, como nas placas de identificação de ruas, a adesão é funcional e objetiva, facilitando a orientação espacial. Em outros, como nos slogans publicitários, a aderência tem um caráter persuasivo, buscando criar uma associação entre o produto e um conjunto de valores desejáveis (Maingueneau, 2022).

Um exemplo interessante de enunciado aderente são as tatuagens. Para Maingueneau (2022), tatuagens são uma forma de inscrição discursiva que desafia a ideia de que todo enunciado deve ter um interlocutor definido. A tatuagem pode ser um enunciado dirigido ao próprio sujeito, funcionando como uma afirmação de identidade, ou um enunciado voltado ao público, expressando uma mensagem política, estética ou filosófica.

Os EA podem ainda ter um caráter normativo. Placas como “Proibido Estacionar” ou “Desacelere, saída de escola” são exemplos de enunciados

aderentes que não apenas informam, mas impõem regras de conduta. Esses enunciados assumem autoridade ao estarem associados a instituições reconhecidas, como órgãos governamentais ou administrações municipais (Matos, 2024).

Outro aspecto relevante dos EA é que eles podem ser efêmeros ou permanentes. Enunciados escritos com giz em lousas de restaurantes mudam diariamente, enquanto placas de trânsito ou letreiros de estabelecimentos são fixos e de longa duração. A materialidade do suporte influencia a estabilidade do enunciado e sua durabilidade no espaço público (Maingueneau, 2022).

Maingueneau (2022) lembra que os EA também desempenham um papel importante na constituição da identidade dos objetos. Assim, concebe-se este exemplo: em um supermercado, maçãs embaladas com etiquetas “Orgânico” e “Produto Natural” ganham um status diferenciado em relação às frutas vendidas a granel. Essa rotulação discursiva reconfigura a percepção do consumidor e pode alterar a relação de valor entre os produtos.

No contexto urbano, os EA são onipresentes. Letreiros de lojas, anúncios em ônibus e placas de trânsito são exemplos de como a cidade é um espaço altamente textualizado. Essa proliferação de enunciados aderentes faz parte da organização do espaço urbano e da experiência cotidiana dos cidadãos (Maingueneau, 2022).

Em algumas situações, prossegue o autor, os EA podem ser ambíguos, oscilando entre diferentes funções. Uma garrafa de vinho, por exemplo, pode conter informações sobre o produtor e a safra, mas também incluir descrições poéticas que associam o produto a uma experiência sensorial única. Essa sobreposição de funções ilustra como os EA podem operar em múltiplos níveis.

Na esfera política, os ED também ganham destaques. Cartazes e faixas em manifestações são exemplos de enunciados aderentes que conferem visibilidade a causas sociais. Esses enunciados criam uma cena de enunciação na qual indivíduos se tornam “sustentadores” de um discurso coletivo, reforçando a identificação com determinado movimento (Freitas, 2022).

Freitas (2022) ainda ressalta que a relação entre os EA e os objetos que os sustentam não é neutra. Um cartaz com “Justiça para todos” fixado em uma

parede pichada pode ser percebido de forma distinta daquele colocado em um prédio governamental. Assim, suporte é uma condição para a construção do significado do enunciado e pode reforçar ou enfraquecer sua autoridade discursiva.

A hierarquia entre EA também é um fator relevante. Em um supermercado, por exemplo, o nome da rede em grandes letras na fachada tem mais visibilidade do que etiquetas menores dentro da loja. Essa hierarquização dos enunciados aderentes reflete estratégias de comunicação que buscam direcionar a atenção do público (Freitas, 2022).

Na esfera ambiental, como bem destaca Freitas (2022), os EA são utilizados para promover mudanças de comportamento. Placas como “Mantenha o parque limpo” ou “Recicle seu lixo” não apenas informam, mas tentam disciplinar as práticas sociais. Ao serem repetidos em diferentes espaços, esses enunciados constroem um discurso normativo sobre sustentabilidade.

Maingueneau (2022) recorda que os EA não operam isoladamente, mas em redes discursivas. O rótulo de um produto alimentício, por exemplo, se insere em um sistema regulatório que define padrões de rotulagem e certificação. Essas redes discursivas conectam enunciados aderentes a instituições, normas e valores sociais mais amplos.

No mundo digital, os EA assumem novas formas. Botões como “Curtir” e “Compartilhar” em redes sociais são exemplos de enunciados aderentes que estruturam a interação dos usuários. Esses enunciados não apenas organizam a navegação, mas também condicionam as formas de engajamento com o conteúdo (Freitas, 2022).

Maingueneau (2020) enfatiza que a análise dos EA exige um olhar mais amplo sobre o discurso, incorporando sustentações materiais e institucionais. Essa abordagem permite superar a dicotomia entre texto e mundo, reconhecendo que a linguagem opera de maneira integrada ao ambiente físico e social. Ao situar os enunciados em suportes específicos e em campos institucionais marcados por normas e disputas de sentido, torna-se possível evidenciar os mecanismos ideológicos que orientam sua produção, circulação e

adesão - mostrando como certos discursos se legitimam socialmente enquanto outros são silenciados ou marginalizados.

Os enunciados aderentes são uma forma de discurso que desafia concepções tradicionais sobre a linguagem. Ao se fixarem em objetos e espaços, eles adquirem um estatuto particular, transformando a relação entre texto e contexto e influenciando a percepção dos sujeitos sobre o mundo ao seu redor. Assim, foi possível constatar que o conceito de EA surge como um desdobramento da abordagem de Maingueneau ao reconhecer que a linguagem não opera de maneira isolada, mas está vinculada à materialidade dos objetos que a sustentam.

Assim, compreender os enunciados em sua materialidade, circulação e eficácia simbólica configura um projeto teórico de longo curso na obra de Dominique Maingueneau. Suas reflexões mais recentes, expressas particularmente na formulação do conceito de enunciado aderente, revelam uma preocupação contínua com os modos de existência dos dizeres no espaço discursivo e com as condições que lhes conferem legitimidade.

Ao se dedicar a investigar como certos enunciados se fixam a suportes materiais - como objetos, ambientes ou corpos -, Maingueneau amplia sua proposta de análise do discurso para além dos textos tradicionalmente concebidos, incorporando práticas culturais cotidianas como cenas enunciativas legítimas. Com isso, os enunciados aderentes passam a ocupar um lugar central em sua teoria, permitindo descrever formas de enunciação que não reivindicam universalidade, mas cuja potência está justamente na ancoragem com o contexto, com o suporte e com o sujeito que os atualiza.

Trata-se, portanto, de uma contribuição decisiva para os estudos do discurso ao oferecer ferramentas para pensar as relações entre linguagem, corpo, cultura e autoridade enunciativa na sociedade contemporânea. Assim sendo, foi possível compreender como a AD se consolidou como um campo interdisciplinar que investiga as relações entre linguagem, ideologia e poder, bem como os diferentes modos de produção de sentido.

Por fim, a reflexão desenvolvida fornece as bases teóricas que sustentam a análise proposta nesta dissertação, dedicada aos enunciados aderentes sobre

parentalidade estampados em camisetas. Essa abordagem permitirá compreender como esses discursos, ao se fixarem em suportes específicos, não apenas refletem valores sociais, mas também os reconfiguram.

#### **1.4 Do enunciado em espera: propondo a categoria de pré-aderência**

Com base na obra *Enunciados aderentes*, Maingueneau (2022) pensa acerca do enunciado em espera para descrever aquelas formas verbais que, por estarem fixadas a um suporte mediador e ainda não terem sido apropriadas por um sujeito, estariam “à espera” de serem ativadas em situações comunicativas específicas. Essa noção é fundamental para compreender os dizeres inscritos em objetos como quadros, bonés, placas decorativas, canecas e camisetas, uma vez que tais frases, embora fabricadas e padronizadas, estão aptas a serem atualizadas discursivamente no momento em que são escolhidas, vestidas ou exibidas por alguém.

No entanto, ao observar os enunciados presentes nas camisetas da marca Digorestte disponíveis para compra no site, percebe-se que essas frases já projetam sentidos antes mesmo da apropriação por sujeitos empíricos. Isso porque, mesmo inseridas em um ambiente digital, tais camisetas já estão organizadas para interpelar sujeitos por meio de categorias como “para mães” e “para pais”, e de estratégias visuais e descritivas que atribuem sentidos a cada estampa. Diante disso, propomos aqui a categoria de pré-aderência<sup>2</sup> para designar esse momento discursivo anterior à apropriação efetiva do enunciado, mas no qual o dizer já opera enquanto discurso, interpellando sujeitos e participando de redes interdiscursivas.

Essa compreensão se articula com a concepção de enunciado desenvolvida por Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber* (2008), o qual contribui para ampliar a noção de pré-aderência ao evidenciar o enunciado como função discursiva, e não apenas como unidade linguística. Conforme o autor,

---

<sup>2</sup> A noção de pré-aderência é uma categoria proposta nesta dissertação como contribuição original, com base na leitura da Teoria dos enunciados aderentes de Dominique Maingueneau.

o enunciado não é uma unidade de mesmo tipo que as da gramática ou da lógica: não é nem uma unidade gramatical (frase ou proposição), nem uma unidade lógica (proposição ou juízo); é antes uma função que atravessa uma multiplicidade de signos e os põe em funcionamento como enunciado (Foucault, 2008, p. 132).

Essa concepção desloca o olhar da análise estrutural da frase para os efeitos de sentido que emergem da inserção do enunciado em uma rede de práticas discursivas, pois, como explica o autor, “o enunciado é sempre um acontecimento que se inscreve num campo de práticas discursivas; ele não é apenas o produto, interior à linguagem, da significação: é o que estabelece que há significação” (Foucault, 2008, p. 134).

Com base nisso, compreende-se que os enunciados inscritos nas camisetas - mesmo antes de serem incorporados por um corpo - já operam como acontecimentos discursivos, pois são autorizados, organizados e projetados em um espaço de circulação (o site da marca), ativando sentidos, valores e posições de sujeito. Essa leitura encontra respaldo em Foucault quando ele afirma que

para que um grupo de signos tenha o estatuto de enunciado, não basta que tenha um certo sentido, uma certa referência, ou que seja gramaticalmente bem formado; é preciso que existam condições específicas que o tornem possível enquanto tal - que sejam eficazes enquanto ‘enunciado’ (Foucault, 2008, p. 135).

Diferentemente de outros dizeres que permanecem na esfera privada ou em condição latente, os enunciados pré-aderentes analisados aqui já se encontram em circulação pública, no ambiente digital, onde são organizados, categorizados e visibilizados em função de sujeitos-alvo. Conforme aponta Maingueneau (2022), o suporte material não é neutro, mas participa da constituição do dizer enquanto enunciado aderente. No caso da pré-aderência, é o próprio site - enquanto espaço de mediação - que projeta sentidos por meio de imagens, descrições, títulos de categorias e sugestões de consumo, produzindo uma cena de enunciação que interpela antecipadamente os sujeitos a quem as frases se destinam.

Esses dizeres, portanto, não aguardam passivamente pela apropriação de um corpo, mas já operam discursivamente no campo do consumo, da

parentalidade e das tecnologias de si (Foucault, 2008; Maingueneau, 2015), mobilizando formas de identificação e de adesão simbólica antes mesmo de serem efetivamente vestidas ou performadas. Segundo Maingueneau, os enunciados aderentes são produzidos com vistas à incorporação em um suporte material específico, formando com ele uma unidade discursiva. No entanto, essa relação não é estática nem estável: a aderência do enunciado depende diretamente do estatuto do suporte e de sua inserção nas redes sociais de circulação.

Como aponta o autor, “o enunciado aderente e seu suporte não formam um todo compacto”, mas, sim, “duas peças complementares de um mecanismo” (Maingueneau, 2022, p. 18). Isso significa que o enunciado não apenas se inscreve no objeto, mas o reconfigura, convertendo-o em suporte discursivo e inserindo-o em novas redes e novos usos. Essa perspectiva é aprofundada quando o autor discute a instabilidade do suporte, especialmente em casos de materiais efêmeros, como embalagens, etiquetas e camisetas.

A aderência de um enunciado impresso em uma camiseta, por exemplo, possui uma durabilidade diretamente relacionada à expectativa de vida do próprio suporte. “Evidentemente, só quando o enunciado aderente é removível tomamos consciência mais clara da instabilidade do suporte” (MAINGUENEAU, 2022, p. 27). A camiseta, enquanto mercadoria transitória, carrega enunciados cuja permanência discursiva é tão instável quanto sua condição material. Isso impõe um desafio à análise do discurso, na medida em que os sentidos aderentes estão ancorados em objetos que podem desaparecer, mudar de estatuto ou sequer serem adquiridos.

É justamente nesse ponto que se insere a proposta de pré-aderência, categoria analítica construída nesta pesquisa para nomear um estágio discursivo anterior à aderência plena ou ainda um estágio discursivo anterior à incorporação efetiva. Trata-se de um momento em que o enunciado ainda não foi apropriado por um sujeito, isto é, não foi incorporado a um corpo, mas já circula em espaços públicos, projeta um ethos possível e convoca interpretações e adesões. Ao estar exposto, por exemplo, em um site de venda de camisetas, o enunciado aderente não apenas antecipa seu uso, mas transforma o próprio objeto (a

camiseta) em um suporte discursivo dotado de valor simbólico mesmo na ausência da apropriação performativa naquele instante.

Essa noção permite expandir a análise dos enunciados aderentes em contextos de circulação digital, considerando que os efeitos de sentido não dependem unicamente da materialização no corpo do sujeito, mas podem ser ativados pela exposição antecipada do enunciado em ambientes de circulação pública, como sites, redes sociais e vitrines virtuais. A pré-aderência, portanto, responde ao movimento de reconfiguração do suporte já apontado por Maingueneau, em que os objetos entram em “novas redes, em novos usos”, convertendo-se em suportes discursivos (2022, p. 18).

Nas análises que se seguem, essa proposta será mobilizada para examinar enunciados aderentes sobre parentalidade veiculados em camisetas da marca Digorestte, disponíveis para compra no ambiente digital da loja, mas ainda não apropriadas por sujeitos. O foco recai justamente sobre os efeitos discursivos ativados na fase anterior à incorporação material, quando os dizeres já circulam, significam e se inscrevem em práticas culturais, mesmo sem terem sido performados por um corpo real.

### **1.5 O site como suporte mediador**

A teoria dos enunciados aderentes, conforme desenvolvida por Dominique Maingueneau (2022), amplia a compreensão sobre a circulação de enunciados integrados a objetos e contextos sociais. Um enunciado aderente caracteriza-se, segundo o autor, por sua contiguidade com um suporte não verbal ao qual está material e discursivamente integrado. Essa aderência pode assumir diferentes formas, classificadas em três modalidades principais: (1) quando o enunciado está fixado diretamente ao suporte - como ocorre, por exemplo, em um rótulo colado a uma garrafa; (2) quando está fixado em um objeto mediador, isto é, um elemento próximo ao suporte principal que funciona como ponte entre o dizer e o objeto - como uma placa ao lado de uma escultura; e (3) quando está englobado pelo suporte, situação em que enunciado e suporte constituem uma única unidade física e semântica - como em determinadas

instalações artísticas ou objetos publicitários complexos (Maingueneau, 2022, p. 15-16).

A partir dessa classificação, o site da marca Digorestte pode ser interpretado como um suporte mediador digital. Nele, os enunciados expressivos - ainda não incorporados a um corpo expressador - circulam em condição de visibilidade, oferta e ativação interpretativa. Embora não estejam fisicamente fixados ao suporte definitivo, já são apresentados em um contexto de legitimação e consumo. As imagens disponibilizadas pelo site, frequentemente exibindo camisetas sobre corpos-modelo, funcionam como dispositivos de antecipação de sentido, associando o enunciado a determinadas identidades sociais, estéticas corporais e estilos de vida possíveis.

Como observa Maingueneau (2022, p. 16), “não basta estabelecer uma contiguidade material entre um enunciado e um objeto para os enunciados aderentes existirem”. É necessária uma atribuição legítima, sustentada por instituições ou circuitos que autorizem sua circulação. O site, dessa forma, não é um espaço neutro: integra uma cadeia comercial, simbólica e institucional que valida e posiciona esses enunciados em um regime de exibição e apropriação pública. Nesse processo, ocorre uma pré-exibição simbólica: ainda que não estejam aderidos definitivamente a um sujeito, os enunciados são apresentados de modo a antecipar interpretações e ativar sentidos.

É nesse ponto que se insere a noção de pré-aderência, aqui proposta para designar o estágio anterior à incorporação material e subjetiva do dizer por um sujeito. O site opera, assim, como um dispositivo de pré-aderência, no qual os sentidos são negociados antecipadamente, o ethos é projetado e o enunciado é inscrito em uma rede discursiva antes mesmo de ser vestido ou performado.

Maingueneau (2022, p. 16) também destaca que a atribuição do enunciado ao suporte envolve duas dimensões: a material - quando características físicas permitem associar o dizer ao suporte - e a semântica - quando o conteúdo é pertinente àquele suporte. No caso do site, embora a aderência física ainda não exista, a atribuição semântica está plenamente realizada, pois os dizeres foram concebidos para esse contexto de apresentação e comercialização. Como enfatiza o autor, a legitimação ocorre porque “se

constata que ele se encontra associado a determinado suporte, mas isso só é possível porque anteriormente uma entidade [...] considerou legítimo situar tais enunciados aderentes nesse lugar” (Maingueneau, 2022, p. 17).

Dessa forma, o site da Digorestte funciona como um ambiente legitimador e espaço de mediação discursiva no qual os enunciados aderentes são preparados para a circulação e apropriação futura. É nesse contexto que se define o corpus desta pesquisa, composto por unidades discursivo-materiais formadas pela integração entre enunciados expressivos e seu suporte mediador - camisetas - tal como apresentados no site. A análise considera não apenas o texto verbal inscrito, mas também o suporte e, quando presentes, elementos visuais associados, como o corpo-modelo, cores, tipografia e composição gráfica. Essa concepção dialoga com a perspectiva de Maingueneau (2022), segundo a qual o enunciado aderente não existe isoladamente, mas em relação indissociável com o suporte e o contexto de circulação.

As camisetas selecionadas foram extraídas de categorias temáticas do site (“para mães”, “para pais”) e contemplam enunciados que projetam sentidos sobre a parentalidade, estando disponíveis no período da coleta. Tal recorte permite observar como a linguagem, ancorada em um suporte vestível e veiculada em ambiente digital, constrói sentidos, projeta ethos e se inscreve em redes interdiscursivas antes mesmo da apropriação física pelo sujeito - momento que, nesta pesquisa, é designado como pré-aderência.

## **2 PARENTALIDADE E TEORIAS DO PARENTESCO**

Este capítulo busca construir a base teórica sobre parentalidade e teorias do parentesco, indispensável para compreender os sentidos discursivos mobilizados nos enunciados aderentes, entendidos, conforme Maingueneau (2022), como unidades que articulam indissociavelmente o dizer e o suporte - neste caso, as camisetas analisadas.

Assim, ao discutir como a parentalidade deixou de ser entendida exclusivamente sob uma perspectiva biológica para se tornar um campo relacional, social e subjetivo (Neyrand, 2016), o capítulo propõe problematizar os

discursos que naturalizam determinados papéis parentais. A desconstrução do modelo tradicional de família nuclear e o reconhecimento da diversidade de arranjos familiares contemporâneos (Gorin *et al.*, 2015) configuram aspectos centrais para a análise dos enunciados presentes nas camisetas, pois tais discursos podem reforçar, contestar ou propor novos modos de circulação. Essa mudança de paradigma - do biológico ao simbólico - também permite investigar como os enunciados aderentes em camisetas atualizam, tensionam ou reforçam determinadas concepções de vínculo parental no espaço social.

A partir das reflexões sobre a dimensão psicanalítica da parentalidade (Zornig, 2010), torna-se possível considerar como os discursos que circulam nas camisetas não apenas representam, mas também podem evocar emoções, identificações e projeções inconscientes. Se a parentalidade é um processo dinâmico que envolve ressignificações subjetivas, os enunciados aderentes desses produtos podem funcionar como dispositivos simbólicos que reforçam certos ideais parentais e reconfiguram as expectativas sociais sobre pais e mães.

Da mesma forma, a ideia de que a parentalidade é marcada por um investimento afetivo de longo prazo (Mazzucatto, 2023) abre espaço para questionar até que ponto os discursos impressos em camisetas dialogam com esse comprometimento ou, ao contrário, produzem aspectos das dinâmicas da modernidade líquida (Bauman, 2004), em que as relações se tornam mais efêmeras e voláteis. Ainda, a relação entre parentesco e cultura, enfatizada por Schneider (2016), reforça a importância de analisar como os enunciados sobre parentalidade em camisetas constroem, materializam e reafirmam determinadas noções de pertencimento.

Por conseguinte, o deslocamento da parentalidade do campo estritamente biológico para o simbólico permite questionar quais configurações familiares são legitimadas nesses produtos e quais permanecem invisibilizadas. Tais reflexões dialogam com os objetivos desta dissertação, os quais buscam examinar de que maneira as camisetas não apenas participam da disseminação de discursos normativos ou inclusivos sobre parentalidade, mas também os materializam e os constroem. Ao considerar que a linguagem é um espaço de disputa de sentidos, as discussões presentes no capítulo oferecerão subsídios para investigar como

a parentalidade é construída discursivamente e quais valores podem ser mobilizados na produção desses enunciados.

Assim, as discussões sobre performance de gênero (Butler, 2003) também são fundamentais para que se possa compreender os modos como as camisetas tendem a reforçar ou desafiar os papéis tradicionalmente atribuídos a pais e mães. A noção de que as identidades parentais são produzidas por meio de práticas reiteradas e socialmente reguladas permite analisar como os enunciados aderentes a esses produtos operam dentro de um campo de normalização e resistência. Dessa maneira, este capítulo busca contextualizar a parentalidade como um fenômeno em transformação e oferecer instrumentos teóricos que possam contribuir para a análise dos sentidos que possivelmente emergem das interações entre linguagem, cultura e consumo e, por fim, algumas palavras acerca da relação entre parentalidade e análise do discurso.

Nessa perspectiva, a noção de parentalidade, como será explorada adiante, tem sido mobilizada em diferentes campos do saber, como a psicologia, a sociologia e as políticas públicas, para, dessa forma, designar um conjunto de práticas, funções, expectativas e representações que envolvem o cuidado e a educação de filhos. No entanto, no interior da Análise do Discurso, a parentalidade não é compreendida como um conceito essencializado ou universal, mas, sim, como um efeito de sentido, produzido por meio de formações discursivas atravessadas por ideologia, história e relações de poder.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a parentalidade é uma formação discursiva, isto é, um conjunto regular de posições ideológicas inscritas em determinados dizeres possíveis sobre o ser pai, ser mãe, ser cuidador, entre outras formas de assunção de papéis parentais. Essas formações se inscrevem nas redes de memória discursiva, dizem Campos e Tílio (2018), e constituem o que se pode dizer, pensar e fazer sobre a função parental em um determinado tempo histórico. Ao mesmo tempo, a parentalidade se atualiza na enunciação conforme os atravessamentos sociais, legais, religiosos e morais que estruturam o campo discursivo em que emerge.

Ao ser enunciada, a parentalidade é sustentada por uma série de enunciados que circulam nos discursos sociais, alguns dos quais assumem a

forma de enunciados aderentes (Maingueneau, 2020), isto é, formulações integradas a um suporte material não verbal, cujo sentido se constrói na articulação entre linguagem e materialidade. Esses enunciados, quando aderentes, funcionam como suportes ideológicos que podem naturalizar determinadas visões sobre a família, a autoridade parental, os papéis de gênero, a moralidade e o cuidado. Tais enunciados não são neutros, mas condensam relações de poder e de exclusão: dizer “mãe é quem cria” ou “pai ausente é um pai irresponsável”, dizem Campos e Tílio (2008), são exemplos de formulações aparentemente comuns, mas que, ao se repetirem, produzem efeitos de sentido que reforçam determinadas normatividades e invisibilizam outras formas de parentalidade.

A AD permite compreender a parentalidade como atravessada por formulações ideológicas distintas que, ora se reforçam mutuamente ora entram em contradição. O que é dito sobre o ser pai ou o ser mãe não está dado previamente, mas é constantemente disputado no interior do interdiscurso. A análise dos enunciados aderentes permite, portanto, mapear as regularidades discursivas que sustentam certos sentidos e silenciamentos, bem como observar os deslocamentos possíveis que tensionam as posições tradicionalmente atribuídas à parentalidade.

Dessa forma, a parentalidade não é uma unidade estável do discurso, mas um registro discursivo que atravessa diferentes campos, sendo continuamente tensionado e deslocado. Ela é construída nas relações entre sujeitos, saberes e práticas sociais, e carrega consigo os efeitos da história, da ideologia e da memória. Sua análise, dentro da AD, implica considerar os modos pelos quais os sentidos se fixam, circulam e se transformam, revelando os mecanismos de produção de subjetividades parentais que sustentam a ordem simbólica de um dado tempo e lugar (Campos; Tílio, 2018).

## **2.1 O conceito de parentalidade: mães e pais na contemporaneidade**

O conceito de parentalidade, dizem Gorin *et al.* (2015), tem ganhado crescente atenção nos debates acadêmicos e nas discussões sociais

contemporâneas, uma vez que a compreensão sobre as relações entre pais e filhos passou por transformações significativas ao longo do tempo. Inicialmente, prosseguem os mesmos autores, a parentalidade era compreendida como um dado biológico, restrito à função de gerar e criar filhos dentro do modelo tradicional de família nuclear. No entanto, com o avanço das pesquisas nas ciências humanas, especialmente na psicanálise e na sociologia, esse conceito se expandiu para abarcar dimensões psicológicas, sociais e culturais que permeiam o exercício de ser pai ou mãe.

Segundo Neyrand (2016), o termo parentalidade tornou-se corrente na década de 1980, sendo amplamente utilizado nos discursos políticos e midiáticos para descrever o vínculo entre adultos e crianças. Esse conceito emergiu como uma alternativa ao termo "função parental", indicando não apenas um papel social e jurídico, mas um processo subjetivo que envolve a construção da identidade parental e o estabelecimento de um laço afetivo com os filhos. Tal compreensão, prossegue o mesmo autor, ampliada da parentalidade, permite analisar as mudanças nos arranjos familiares, que incluem famílias monoparentais, recasadas, homoparentais e outras configurações que desafiam as concepções tradicionais de paternidade e maternidade (Neyrand, 2015).

O processo de tornar-se pai ou mãe não se inicia apenas no nascimento de um filho, mas remonta à infância de cada indivíduo, sendo influenciado por suas experiências afetivas e pela relação com seus próprios pais. Como aponta Zornig (2010), o desejo de ter um filho reativa lembranças infantis e coloca em movimento aspectos inconscientes do psiquismo parental. De acordo com a mesma autora, Freud já sugeria, em seus estudos sobre o narcisismo, que o amor parental é uma forma de resgatar um narcisismo infantil perdido, projetando no filho expectativas e ideais não realizados pelos pais. Dessa forma, a parentalidade não é um evento isolado, mas um longo percurso marcado por identificações, projeções e reconstruções subjetivas.

A teoria psicanalítica destaca a importância dos chamados "fantasmas parentais", que se manifestam na forma como os pais percebem e interagem com seus filhos. Stern (1997) reforça essa ideia ao afirmar que as representações parentais começam a ser formadas muito antes do nascimento

da criança, influenciadas por histórias familiares e experiências passadas. Assim, os pais não apenas educam seus filhos, mas também são transformados pela experiência da parentalidade, revisitando sua própria história e reestruturando suas relações emocionais (Zornig, 2010).

O estatuto contemporâneo da parentalidade, pode-se dizer com Gorin *et al.* (2015), é marcado por profundas mudanças nas configurações familiares, impulsionadas por transformações sociais e culturais que desafiam modelos tradicionais. Como discutem estes mesmos autores, a estrutura familiar, que antes se baseava na autoridade patriarcal e na transmissão patrimonial, passou por uma ressignificação significativa a partir do século XVIII, quando o romantismo e a valorização do afeto entre pais e filhos começaram a ganhar centralidade. No século XXI, com o crescimento do individualismo e da busca pela autorrealização, as relações conjugais passaram a se organizar mais em torno da satisfação pessoal do que da manutenção de um modelo familiar rígido.

Isso resultou na multiplicação de arranjos familiares, como a monoparentalidade<sup>3</sup>, a homoparentalidade<sup>4</sup> e as famílias recompostas, que hoje coexistem com a estrutura nuclear tradicional (Gorin *et al.*, 2015). O impacto dessas transformações na parentalidade é evidente: enquanto antes a paternidade e a maternidade eram definidas principalmente por laços biológicos e pela divisão rígida de papéis de gênero, atualmente há um reconhecimento crescente de que a parentalidade pode ser exercida de múltiplas formas, desde que haja compromisso afetivo e suporte adequado ao desenvolvimento da criança (Gorin *et al.*, 2015). A parentalidade, vale recordar, não deve ser reduzida a uma função meramente biológica, pois envolve um processo complexo de transmissão de valores, crenças e modos de ser.

Como apontam Zornig (2010) e Lebovici (2004), o exercício da parentalidade é um processo dinâmico que se estrutura em três dimensões principais: o exercício da parentalidade, que diz respeito às obrigações jurídicas

---

<sup>3</sup> Refere-se a arranjos familiares nos quais a criança é criada predominantemente por apenas um dos genitores, seja a mãe ou o pai, sem a presença cotidiana do outro responsável (Neyrand, 2016).

<sup>4</sup> Designa a configuração familiar em que a parentalidade é exercida por casais do mesmo sexo, desafiando os modelos tradicionais de maternidade e paternidade e reafirmando a diversidade nos vínculos parentais (Gorin *et al.*, 2015).

e sociais dos pais; a experiência da parentalidade, que se refere às transformações psíquicas que ocorrem nos indivíduos ao assumirem o papel de cuidadores; e a prática da parentalidade, que envolve as interações afetivas e os cuidados dispensados à criança. Essas dimensões, diz Lebovici (2004), evidenciam que a parentalidade não se restringe à presença física dos pais, mas se manifesta na qualidade do vínculo estabelecido com os filhos e na capacidade de garantir um ambiente seguro e afetivo para seu desenvolvimento. Dessa forma, a parentalidade deve ser compreendida como uma construção social e subjetiva, influenciada por fatores históricos, culturais e psicológicos.

Dessa forma, observa-se que um dos principais desafios da parentalidade contemporânea está na necessidade de equilibrar as exigências do mundo moderno com o compromisso de oferecer um ambiente de afeto e segurança às crianças. O modelo de família tradicional, baseado em uma divisão de papéis rígida entre pai provedor e mãe cuidadora, tem dado lugar a novas formas de organização familiar, nas quais ambos os genitores compartilham responsabilidades e buscam conciliar vida profissional e pessoal (Zoenig, 2010).

Como discute Gorin *et al.* (2015), o aumento da participação paterna nos cuidados com os filhos reflete não apenas mudanças culturais, mas também uma necessidade social de repensar as relações de gênero dentro da família. A parentalidade também enfrenta desafios no que se refere à transmissão de normas e valores. A contemporaneidade é marcada por uma crise dos referenciais simbólicos tradicionais, o que exige dos pais uma maior flexibilidade na educação dos filhos. Como aponta Zornig (2010), a ausência de modelos estáveis pode gerar inseguranças tanto para os pais quanto para as crianças, que precisam encontrar um equilíbrio entre autonomia e pertencimento.

A psicanálise sugere que a transmissão geracional é fundamental para a constituição da identidade dos filhos, e essa transmissão ocorre não apenas por meio do discurso explícito dos pais, mas também através da forma como vivem e lidam com suas próprias histórias. A parentalidade, assim, não é apenas uma função de cuidado, mas um processo de subjetivação que envolve a passagem de significados e referências simbólicas entre gerações (Zornig, 2010).

Diante dessas questões, torna-se essencial compreender a parentalidade não como um conceito fixo, mas como uma experiência em constante transformação, refletindo mudanças sociais e culturais de cada época. O reconhecimento de que não há um modelo único de família e de que a parentalidade pode se manifestar de diferentes formas permite uma abordagem mais inclusiva e realista sobre a criação dos filhos na contemporaneidade (Gorin *et al.*, 2015). Por exemplo, Mazzucatto (2023), afirma que o amor parental, que há muito tempo foi concebido como um vínculo indissolúvel, está imerso em um cenário de incerteza e efemeridade na modernidade líquida. Bauman (2004) argumenta que vivemos em um mundo onde os laços humanos se tornaram frágeis, descartáveis e submetidos à lógica do consumo.

Nesse contexto, a parentalidade, que tradicionalmente exigia comprometimento irrestrito e duradouro, passa a ser influenciada pelas mesmas dinâmicas que regem os relacionamentos líquidos, em que o valor de uma conexão depende da sua capacidade de gerar satisfação imediata. Esse modelo colide diretamente com a exigência fundamental da parentalidade, que implica um investimento emocional de longo prazo, sem garantias de retorno e sem possibilidade de ruptura sem consequências. Assim, a experiência de ser pai ou mãe enfrenta tensões entre a expectativa social de compromisso e a mentalidade consumista que privilegia a descartabilidade das relações (Mazzucatto, 2023).

O fenômeno da parentalidade líquida pode ser observado na forma como a decisão de ter filhos passou a ser tratada. Em um mundo onde o indivíduo é incentivado a priorizar a própria satisfação e evitar vínculos definitivos, a ideia de um compromisso irreversível, como a parentalidade, se torna uma escolha cada vez mais rara e angustiante. Bauman (2004) sugere que, na sociedade de consumo, os filhos são frequentemente vistos como objetos de desejo, uma espécie de investimento emocional que deve trazer felicidade aos pais, mas sem exigir sacrifícios excessivos. No entanto, a realidade parental é muito diferente do ideal construído pelas promessas contemporâneas de gratificação imediata. Ser pai ou mãe significa lidar com frustrações, abdicar de certos desejos e assumir uma responsabilidade contínua, algo que vai contra a lógica da liquidez,

na qual o compromisso deve ser leve e, sempre que possível, reversível (Mazzucatto, 2023).

O sociólogo polonês aponta que vivemos em um período de “interregno”, em que “a antiga maneira de agir não funciona mais, mas novas maneiras de agir ainda não foram inventadas” (Bauman, 2004, p. 54). No que se refere ao amor parental, isso significa que os modelos tradicionais de maternidade e paternidade, baseados no sacrifício e na dedicação incondicional, estão em crise, mas ainda não foram substituídos por um novo paradigma capaz de oferecer estabilidade.

Muitos pais, diz Mazzucatto (2023), imersos na lógica da modernidade líquida, encontram-se divididos entre a obrigação social de exercer uma parentalidade plena e a pressão cultural para manter sua autonomia e liberdade. Essa dualidade gera conflitos internos e leva a uma parentalidade ambivalente, em que há tentativas de conciliar o inegociável compromisso de criar um filho com o desejo de manter o estilo de vida individualista que caracteriza a contemporaneidade.

Nesse cenário, a experiência da parentalidade se transforma em um dilema constante. Por um lado, a sociedade ainda valoriza o papel dos pais como provedores de afeto e segurança, essenciais para o desenvolvimento das crianças. Por outro, essa mesma sociedade desincentiva o comprometimento absoluto, encorajando a busca por satisfação pessoal como prioridade máxima (Campos, 2018). A consequência disso é que muitas famílias operam dentro de uma dinâmica paradoxal: os pais são encorajados a valorizar o vínculo com seus filhos, mas, simultaneamente, são pressionados a não permitirem que esse vínculo limite sua autonomia ou suas aspirações individuais.

Como Bauman (2004, p. 7) observa, “nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia de permanência”. Isso se reflete no fenômeno da parentalidade hesitante, em que os adultos oscilam entre um ideal de entrega e uma prática que busca minimizar qualquer forma de dependência. Essa liquidez, destaca Mazzucatto (2023), também se manifesta na forma como os filhos são educados e inseridos na cultura do consumo. O desejo de proporcionar uma

infância plena e satisfatória muitas vezes se traduz na substituição do afeto por bens materiais. Em um mundo onde tudo pode ser comprado, os pais tentam compensar a falta de tempo ou a dificuldade de estabelecer conexões profundas através da oferta de produtos, transformando o amor parental em uma mercadoria simbólica.

Esse processo, no entanto, é insatisfatório para ambas as partes: os pais experimentam a frustração de não conseguirem atender às necessidades emocionais dos filhos, e as crianças crescem sem o referencial de vínculos estáveis, internalizando a lógica da descartabilidade nas próprias relações. Ainda, vale destacar que a crise do amor parental também está relacionada às expectativas irreais geradas pela sociedade líquida. A paternidade e a maternidade são frequentemente romantizadas, retratadas como experiências gratificantes que trarão sentido à vida dos adultos. No entanto, como Bauman (2004, p. 60) pontua,

(...) os filhos não são desejados pelas alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que proporcionem — alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar.

Ou seja, a experiência da parentalidade não pode ser reduzida a um produto de consumo, pois carrega consigo desafios e responsabilidades que escapam à lógica de gratificação imediata. A tentativa de encaixar a parentalidade na mentalidade do consumo leva a uma série de desilusões e tensões, pois a expectativa de prazer contínuo entra em choque com a realidade de sacrifício inerente ao papel de cuidar de outro ser humano (Mazzucatto, 2023).

Um dos efeitos mais nocivos dessa lógica de consumo aplicada à parentalidade, informa Campos (2018), é a tendência em considerar os filhos como um investimento que deve oferecer um retorno emocional positivo. A frustração surge quando os desafios da criação não correspondem às promessas idealizadas. Como aponta Bauman (2004, p. 60), “as alegrias da paternidade e da maternidade vêm [...] num pacote que inclui as dores do autossacrifício e os temores de perigos inexplorados”. Essa percepção da

parentalidade como um fardo pode levar a um distanciamento emocional dos pais em relação aos filhos, resultando em relações frágeis, em que o afeto é condicionado ao grau de satisfação que a criança proporciona.

A liquidez das relações também afeta o próprio modelo familiar, tornando-o mais suscetível a rupturas e reorganizações frequentes. Se na modernidade sólida a estrutura familiar era rígida e duradoura, na modernidade líquida ela se tornou flexível e instável, refletindo a lógica dos relacionamentos líquidos. Casais se formam e se dissolvem com maior frequência, e os filhos, muitas vezes, vivenciam múltiplos arranjos parentais ao longo da vida. Essa fragmentação da unidade familiar pode gerar um sentimento de insegurança nas crianças, que crescem sem a certeza de que os laços que as unem aos pais serão permanentes (Campos, 2018).

A saída para a crise da parentalidade líquida passa pelo resgate da “arte dos reparos” proposta por Bauman (2004). Em um mundo em que tudo pode ser trocado por uma versão mais nova e eficiente, é preciso aprender a consertar os vínculos, a lidar com as dificuldades inerentes às relações e a aceitar que o amor parental é um compromisso irrevogável. Mazzucatto (2023), no entanto, demonstra haver uma história da parentalidade, destacando que este conceito se transforma ao longo do tempo, variando conforme a sociedade na qual ocorre. Veja-se a seguir.

## **2.2 Breve histórico do conceito de parentalidade**

A concepção de infância e parentalidade variou amplamente ao longo da história, dependendo da organização social e do contexto econômico de cada época. Na Grécia Antiga, Aristóteles (2001, p. 76) via a infância como um “estado de imperfeição”, e os filhos eram valorizados conforme sua utilidade para a família e a cidade-estado. O papel parental se concentrava na produção de cidadãos, principalmente homens, para sustentar a pólis e perpetuar as tradições.

Já no Império Romano, a parentalidade estava subordinada à autoridade do *paterfamilias*, figura masculina com total controle sobre a família: “os recém-

nascidos só vêm ao mundo, ou melhor, só são recebidos na sociedade em virtude de uma decisão do chefe de família” (Veyne, 2009, p. 21). Assim, o infanticídio e a adoção eram comuns, sendo o reconhecimento paterno determinante para a sobrevivência da criança.

Durante a Idade Média, a igreja católica, informa Ariès (1986), gradualmente interveio na parentalidade, proibindo infanticídios e promovendo a importância do batismo para salvar a alma das crianças. As crianças eram inicialmente vistas como adultos em miniatura, sem necessidades diferenciadas, mas esse conceito começou a mudar com o fortalecimento da noção de pecado original e a valorização do menino Jesus como modelo de pureza.

Na Europa feudal, a parentalidade era moldada pela estrutura agrária e pelo sistema senhorial. Crianças, especialmente entre os camponeses, começavam a trabalhar muito cedo para contribuir com a economia doméstica. Apesar disso, relatos indicam maior proximidade afetiva entre pais e filhos do que nos períodos anteriores, e algumas práticas de proteção a órfãos e viúvas começaram a surgir (Ariès, 1986).

A Renascença, prossegue o historiador francês (Ariès, 1986), trouxe novas reflexões sobre a infância e a parentalidade. O pensamento humanista valorizava o indivíduo, e a ideia de educação formal começou a se expandir. Isso se refletiu na maior preocupação com o desenvolvimento infantil e na ampliação do tempo de dependência dos filhos em famílias mais ricas. Contudo, o abandono infantil ainda era comum, impulsionado pelas crises econômicas e epidemias.

Durante o Iluminismo, a parentalidade foi profundamente impactada pelas ideias de Rousseau (1999), que argumentava que a infância era um período único e deveria ser respeitado como tal. A educação passou a ser vista como essencial para a formação moral do indivíduo, e a relação entre pais e filhos ganhou contornos mais afetivos.

A Revolução Industrial redefiniu a parentalidade ao inserir crianças no mundo do trabalho fabril. Embora a infância estivesse se tornando um conceito mais definido, a exploração infantil era generalizada. Foi somente com a consolidação dos estados-nação e a imposição de legislações trabalhistas que

as crianças passaram a ser excluídas do mercado de trabalho e redirecionadas para a educação formal (Ariès, 1986).

No século XIX, vale dizer, com o fortalecimento da família burguesa, os laços parentais tornaram-se mais íntimos: “o filho é o futuro da família, sua imagem sonhada e projetada” (Perrot, 2009, p. 134). No entanto, a educação era ainda segmentada por gênero, com meninos recebendo instrução formal e meninas sendo preparadas para o casamento e a maternidade.

A Revolução Francesa introduziu novas legislações que afetaram a parentalidade, regulando o casamento, a adoção e os direitos infantis. A autoridade paterna foi parcialmente limitada, mas a sociedade continuava patriarcal: “a sensibilidade à infância não afetou a autoridade da família nem a do poder paterno” (Perrot, 2009, p. 109).

No século XX, a parentalidade passou a ser influenciada pelo avanço da psicologia e da pedagogia. Freud e Piaget trouxeram novas interpretações sobre o desenvolvimento infantil, consolidando a ideia de que a primeira infância era um período crítico para a formação do indivíduo. Isso levou a uma maior especialização no cuidado parental e ao fortalecimento da educação infantil como direito fundamental (Mazzucatto, 2023).

Quanto ao Brasil, prossegue a autora (*ibidem*), a parentalidade seguiu um percurso distinto, fortemente marcado pela escravidão e pela desigualdade social. Crianças escravizadas eram frequentemente separadas de suas famílias e submetidas a trabalhos forçados. No período republicano, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, representou um marco na garantia dos direitos infantis e na redefinição das responsabilidades parentais.

A partir do século XXI, novas formas de parentalidade emergiram. As famílias nucleares tradicionais deram lugar a arranjos mais diversos, incluindo famílias monoparentais, homoparentais e famílias recompostas. O avanço das tecnologias reprodutivas e das discussões sobre gênero e sexualidade trouxe desafios e transformações na forma como se concebe a criação dos filhos (Iaconelli, 2022).

Dessa forma, o conceito de parentalidade tornou-se mais fluido e multidimensional, isto é, “os cuidados com as crianças alcançaram a situação

insustentável atual, na qual são tidos como de inteira e solitária responsabilidade das mães” (Mazzucatto, 2023, p. 15). As discussões feministas trouxeram à tona o problema da sobrecarga materna e a necessidade de uma divisão mais equitativa das responsabilidades parentais.

No contexto atual, a parentalidade é atravessada por desafios como o individualismo, a competitividade exacerbada e a influência das redes sociais. Em meio a essas mudanças, a parentalidade continua a ser um fenômeno em constante transformação. Se, por um lado, há um aumento no reconhecimento da importância da infância, por outro, ainda há desigualdades significativas na forma como os cuidados parentais são distribuídos.

Feitas estas considerações, cabe seguir por uma apresentação das principais teorias de parentesco que ganharam força na segunda metade do século XX e no início do século XXI e que incidem diretamente nas concepções de parentalidade.

### **2.3 Claude Lévi-Strauss e o sistema de parentesco**

A teoria do parentesco, desenvolvida por Claude Lévi-Strauss (1980), revolucionou os estudos antropológicos ao deslocar a ênfase da família como unidade biológica para um sistema mais amplo de trocas sociais. Seu estruturalismo revelou que o parentesco não é apenas uma estrutura natural, mas um conjunto de regras e normas que regulam as relações sociais e culturais.

Um dos pilares de sua teoria, informa Sarti (2005), é a proibição do incesto, que ele considera a base da organização social. Diferente de perspectivas biológicas ou psicanalíticas, Lévi-Strauss, por outro lado, argumenta que essa interdição não é instintiva, mas um princípio estruturante que obriga os indivíduos a buscar alianças fora de seu grupo imediato.

Como ele afirma, “o que diferencia verdadeiramente o mundo humano do mundo animal é que na humanidade uma família não poderia existir sem existir a sociedade” (Lévi-Strauss, 1980, p. 34). Essa perspectiva tem implicações diretas para o conceito de parentalidade, pois reforça a ideia de que os laços entre pais e filhos não são apenas biológicos, mas também socialmente

construídos. A paternidade, por exemplo, não é apenas uma relação genética, mas um papel simbólico mediado por normas culturais (Sarti, 2005).

Para Lévi-Strauss (1980), a organização do parentesco está baseada na aliança e não apenas na descendência. Isso significa que a estrutura da família não se limita a relações sanguíneas diretas, mas se estabelece a partir das regras de casamento e dos sistemas de troca entre grupos. A estrutura elementar do parentesco, conforme formulada por ele, envolve quatro relações fundamentais: marido e mulher, pai e filho, irmão e irmã, e tio materno e sobrinho. Esse modelo quadrangular demonstra como a parentalidade é estruturada por regras sociais que regulam a autoridade, a herança e a transmissão de valores (Lévi-Strauss, 1980).

Conforme Sarti (2005), para Lévi-Strauss, a interdição do incesto, além de evitar relações consanguíneas, desempenha um papel crucial na definição dos papéis parentais. Ao estabelecer quem pode ou não se casar dentro de um grupo, essa norma cria distinções entre os membros da família, delimitando o lugar dos pais, filhos e parentes mais distantes na hierarquia social. Lévi-Strauss (1980) enfatiza que a troca de mulheres nos sistemas exogâmicos não se restringe a uma prática de união matrimonial, mas representa um mecanismo fundamental de organização da sociedade. Segundo ele,

as famílias restringidas apenas estão autorizadas a gozar uma existência limitada no tempo – curta ou longa segundo as circunstâncias – mas sob a estrita condição de que as suas partes componentes sejam deslocadas, emprestadas, tomadas por empréstimo (Lévi-Strauss, 1980, p. 44).

Essa lógica implica que a parentalidade não se baseia apenas na filiação biológica, mas também na integração dos indivíduos dentro de um sistema de reciprocidade. Pais e filhos não são apenas membros de uma mesma linhagem, mas partes de um conjunto maior de relações que garantem a coesão social (Sarti, 2005). Outro aspecto relevante da teoria de Lévi-Strauss, prossegue Sarti (2005), e que interessa diretamente ao universo desta dissertação, é a relação entre parentesco e linguagem. Ele compara as regras do parentesco às estruturas da linguagem, argumentando que ambas operam de forma simbólica e obedecem a princípios inconscientes que organizam o pensamento humano.

A noção de parentalidade, nesse sentido, não pode ser reduzida a uma função biológica de cuidado e reprodução, mas deve ser entendida como um papel socialmente instituído. A paternidade e a maternidade não são apenas laços sanguíneos, mas posições que dependem de normas culturais e de reconhecimento simbólico (Lévi-Strauss, 1980). A teoria da aliança, ao destacar a importância da troca e da reciprocidade, também levanta questões sobre as transformações contemporâneas na parentalidade. Em sociedades ocidentais, por exemplo, diz Sarti (2005), a adoção, a fertilização assistida e as novas configurações familiares desafiam os modelos tradicionais de parentesco.

Lévi-Strauss argumenta que a família só se sustenta enquanto unidade social se estiver integrada a um sistema maior de relações. Como ele expressa: “*deixarás o teu pai e a tua mãe* proporciona a regra de ferro para a fundação e o funcionamento de qualquer sociedade” (Lévi-Strauss, 1980, p. 44). Assim, observa-se como as ideias de Lévi-Strauss influenciaram diversos estudos sobre a parentalidade e a filiação, especialmente aqueles que analisam a forma como os papéis parentais são negociados e reinterpretados em diferentes culturas. Ao enfatizar a dimensão simbólica do parentesco, ele abriu caminho para novas abordagens sobre a relação entre biologia e cultura na constituição da família.

#### **2.4 David Schneider e a desconstrução do parentesco biológico**

Conforme Rochedo (2017), Schneider é um dos antropólogos mais influentes no campo dos estudos sobre parentesco, especialmente por seu esforço em desconstruir a concepção tradicional de parentesco biológico como fundamento universal. Dessa maneira, Schneider (2016) desafia a centralidade da biologia na definição de laços familiares e sugere que o parentesco é, antes de tudo, um sistema cultural.

Para ele, o parentesco não é um fato natural, mas uma construção simbólica baseada em significados compartilhados por uma sociedade. Esse ponto de vista rompe com a abordagem clássica do parentesco que predominava na antropologia até então, que enfatizava a consanguinidade e a aliança como categorias universais. Schneider (2016) argumenta que essas categorias não

possuem uma essência fixa e que suas definições variam de cultura para cultura, sendo determinadas por convenções e símbolos específicos que estruturam as relações sociais.

Para ele, a cultura americana concebia os parentes biológicos como aqueles que compartilhavam material genético, enquanto os parentes afins eram aqueles relacionados pelo casamento. No entanto, ele também aponta que, apesar dessa concepção dualista, a ideia de parentesco não era estritamente biológica nem jurídica, mas fortemente moldada por fatores socioculturais. Schneider enfatiza que “o parentesco é um sistema cultural” (Schneider, 2016, p. 13), isto é, um conjunto de símbolos e significados que definem quem é ou não considerado parente dentro de um determinado contexto.

Assim, o parentesco não é apenas uma questão de nascimento ou casamento, mas de interpretação cultural, em que diferentes formas de relações sociais podem ser vistas como equivalentes à família biológica (Rochedo, 2017). Além disso, Schneider (2016) questiona a crença na naturalidade da parentalidade, mostrando como os conceitos de maternidade e paternidade são culturalmente construídos. Na sociedade americana analisada por ele, a figura do pai e da mãe estava associada a papéis específicos dentro da família, frequentemente vinculados à biologia, mas também permeados por expectativas culturais.

A paternidade, por exemplo, prossegue Rochedo (2017), era entendida não apenas como um laço biológico, mas também como um papel social e simbólico. A noção de “pai” envolvia responsabilidade, afeto e autoridade, demonstrando que a parentalidade era mais do que apenas uma relação de descendência genética. Por conseguinte, Schneider (2016, p. 18) afirma que “crenças persistem, ainda que se transformem, mesmo que os comportamentos observáveis acabem destoando”, destacando como as normas culturais moldam a compreensão do parentesco, independentemente das evidências biológicas.

A desconstrução do parentesco biológico realizada por David Schneider (2016) teve um impacto duradouro na antropologia e nos estudos sobre família. Ao demonstrar que o parentesco é um sistema cultural e simbólico, ele abriu novas possibilidades para compreender como diferentes sociedades organizam

suas relações de parentesco e parentalidade. Sua crítica à centralidade da biologia como critério universal para definir parentesco desafiou pressupostos antropológicos anteriores e incentivou uma abordagem mais flexível e culturalmente sensível.

## 2.5 Judith Butler e a performatividade de gênero nas parentalidades

Butler (2003), em sua análise sobre parentesco e performatividade de gênero, questiona a pressuposição de que a estrutura familiar deve estar necessariamente ancorada na heterossexualidade e na biologia. A autora argumenta que o parentesco, ao longo da história, tem sido moldado por normas sociais e jurídicas que estabelecem quais relações são reconhecidas e legitimadas pelo Estado.

Nessa perspectiva, Butler aponta que

se entendermos parentesco como um conjunto de práticas que estabelece relações de vários tipos que negociam a reprodução da vida e as demandas da morte, então as práticas de parentesco são aquelas que emergem para dirigir as formas fundamentais da dependência humana (Butler, 2003, p. 241).

Com essa formulação, a autora propõe que a parentalidade não deve ser vista como um fenômeno biológico fixo, mas, sim, como um campo relacional em que o cuidado, a responsabilidade e a criação de laços afetivos têm papel central. Ao introduzir a noção de performatividade, Butler (2003) sugere que as identidades de mãe e pai não são inerentes ao sujeito, mas, sim, reproduzidas por meio de atos reiterados e socialmente sancionados. Dessa forma, a parentalidade *queer*, a exemplo, desafia a lógica binária do gênero e evidencia as limitações impostas pelo modelo tradicional de família.

A centralidade da diferença sexual na definição de parentalidade tem sido utilizada como argumento para restringir o reconhecimento de famílias não heteronormativas, sobretudo no que se refere à adoção e à co-parentalidade legal. Butler (2003) demonstra que esse modelo opera por meio de uma lógica de exclusão, em que a legitimidade do parentesco depende de um

enquadramento dentro das normas jurídicas estabelecidas pelo Estado. Assim, a autora critica essa regulamentação ao afirmar que

a alocação simbólica do casamento, ou arranjos similares, é preferível à alteração dos requisitos para que o parentesco proteja direitos individuais ou plurais de se ter ou de adotar crianças ou de assumir uma co-parentalidade legal (Butler, 2003, p. 221).

Esse argumento revela como o próprio reconhecimento jurídico pode ser uma armadilha, uma vez que reforça um padrão normativo em detrimento da multiplicidade de formas de parentesco. Assim, mesmo quando casais *queer* conquistam direitos, essa concessão muitas vezes ocorre dentro dos limites impostos pelo Estado, que continua a definir quais configurações familiares são aceitáveis e quais permanecem marginalizadas (Butler, 2003).

Ao introduzir a noção de performatividade na parentalidade, Butler desconstrói a ideia de que a maternidade e a paternidade são funções biologicamente determinadas. A parentalidade, segundo a autora, não é apenas uma consequência da reprodução sexual, mas um processo contínuo de interação social e construção de identidades. Isso significa que pais e mães desempenham seus papéis por meio de gestos, discursos e práticas que reafirmam ou subvertem as normas dominantes de gênero.

Butler (2003) convida a repensar as formas de parentesco como construções sociais que devem ser abertas a diferentes configurações. Ao invés de buscar apenas o reconhecimento dentro das normas existentes, a crítica de Butler sugere que é necessário ampliar o escopo do que pode ser considerado família, garantindo que diferentes formas de parentesco sejam valorizadas e protegidas. A performatividade de gênero na parentalidade, portanto, não apenas questiona os papéis tradicionalmente atribuídos a pais e mães, mas também expõe os mecanismos de poder que regulam quem pode ou não exercer a função parental de maneira legítima.

Diante das discussões apresentadas sobre parentalidade e teorias do parentesco neste capítulo, torna-se necessário aprofundar a reflexão sobre os mecanismos discursivos que constituem e modelam as representações sociais acerca das relações parentais. A parentalidade, como evidenciado, não se

restringe a um vínculo biológico, mas se constitui em um campo simbólico atravessado por normas culturais, expectativas sociais e regulações jurídicas. Assim, os enunciados que circulam em diferentes espaços, incluindo aqueles impressos em camisetas, não apenas representam, mas integram a própria encenação discursiva: são práticas que, ao se materializarem, refletem e simultaneamente projetam formas de pertencimento e modos de subjetivação parental.

Para compreender de que forma esses enunciados operam, é fundamental recorrer à Análise do Discurso de base enunciativa, especialmente conforme desenvolvida por Dominique Maingueneau, que propõe uma análise centrada nos modos de inscrição do dizer, nas cenas enunciativas e nos ethos discursivos construídos nos suportes. O próximo capítulo introduzirá os fundamentos dessa perspectiva discursiva, com ênfase na noção de enunciação como dispositivo de constituição de sentido. Tal abordagem se mostra particularmente relevante para esta pesquisa por seu foco na articulação entre linguagem, materialidade e identidade discursiva.

Assim, ao apresentar os princípios teóricos da Análise do Discurso enunciativa, será possível compreender como os enunciados aderentes se configuram como unidades de linguagem integradas a suportes (como as camisetas), construindo e antecipando imagens de sujeitos - isto é, delineando papéis, identidades e posições de enunciação - e instaurando regimes de sentido. Em seguida, será abordado o conceito de enunciados aderentes, no intuito de estabelecer as bases analíticas para a investigação dos sentidos produzidos em camisetas que tematizam a parentalidade.

### **3 ANÁLISE DOS ENUNCIADOS ADERENTES SOBRE PARENTALIDADE EM CAMISETAS**

Este capítulo começa por apresentar as balizas teóricas fundamentais que orientam a metodologia da pesquisa, situada no campo da Análise do Discurso de base enunciativa. Ao assumir como objeto de estudo os enunciados sobre parentalidade veiculados em camisetas comercializadas em ambiente digital, propõe-se investigar os processos de constituição do sujeito discursivo parental a partir da materialidade linguística e visual inscritas nesses suportes.

A identidade do sujeito discursivo, vale lembrar, conforme compreendida por Maingueneau (2008), não é uma substância interna e estável do indivíduo, mas o resultado de processos discursivos mediados por práticas sociais, históricas e materiais. O sujeito é, nesse sentido, um efeito da enunciação: constitui-se na e pela linguagem. No campo da parentalidade, isso implica reconhecer que os sentidos atribuídos às figuras da mãe e do pai não emergem espontaneamente, mas são moldados por discursos que circulam socialmente e delimitam modos legítimos de exercer essas funções. Tais discursos, atravessados por marcas ideológicas, estabelecem lugares possíveis para o sujeito parental, promovendo expectativas, valores e prescrições normativas que operam como mecanismos de regulação social.

Frases amplamente difundidas como “Mãe é quem cria” ou “Pai presente é pai diferente” funcionam como enunciados que produzem efeitos de sentido específicos. No primeiro caso, destaca-se a centralidade do cuidado e da dedicação materna como marcas fundantes do exercício da maternidade, muitas vezes vinculada à abnegação. No segundo, evidencia-se uma paternidade que, ao cumprir funções básicas de cuidado, é celebrada como excepcionalidade afetiva. Esses enunciados, quando analisados discursivamente, revelam os modos pelos quais os papéis parentais são construídos, reforçando distinções de gênero e expectativas desiguais entre mães e pais. Através dessas frases, a linguagem participa da delimitação de um ethos materno e paterno, legitimando determinadas condutas e silenciando ou marginalizando outras (Campos; Tílio, 2018).

Na perspectiva da performatividade proposta por Butler (2003), a identidade não é um dado, mas o resultado de práticas reiteradas que se atualizam no tempo. Tais práticas envolvem gestos, comportamentos, modos de vestir e de falar que são repetidos e, ao serem reiterados, produzem a aparência de uma identidade estável. Aplicado à parentalidade, esse conceito permite compreender como os sujeitos são chamados a ocupar certos lugares sociais por meio da repetição de atos discursivos e corporais que reforçam normas culturais. A performatividade parental, nesse sentido, constitui-se na reiteração de discursos e gestos que, ao mesmo tempo, conformam a subjetividade e a inscrevem em uma lógica normativa marcada por gênero e cuidado.

Dessa maneira, a materialidade do discurso desempenha papel central na constituição dos sentidos. Como destaca Maingueneau (2022), os discursos não circulam de forma etérea ou abstrata; eles estão sempre associados a suportes materiais que os tornam visíveis, audíveis ou legíveis. A linguagem, ao se inscrever em objetos concretos como camisetas, embalagens ou placas, adquire uma dimensão performativa e reguladora. Expressões como “Pai protetor, mãe guerreira”, estampadas em vestuários, não apenas comunicam mensagens, mas também atuam na constituição simbólica dos sujeitos que as portam, participando da produção de ethos parentais legitimados socialmente.

Essas materialidades discursivas não são neutras: elas carregam e reproduzem ideologias que, muitas vezes, naturalizam desigualdades. No campo da parentalidade, as representações reforçadas por tais discursos atribuem às mulheres a responsabilidade contínua pelo cuidado, enquanto aos homens é reservado um papel esporádico, mas intensamente valorizado quando exercido. Como destaca Hall (2000, p. 111), a identidade é um “ponto de encontro” entre discursos que, por vezes, são contraditórios e competem entre si. No caso de mães e pais, observa-se uma tensão permanente entre a expectativa de aderência a modelos tradicionais e os apelos por uma atualização dos papéis sociais.

A metodologia adotada nesta pesquisa considera também a noção de enunciados aderentes, já explorada em capítulo anterior, desenvolvida por

Maingueneau (2022), como uma chave conceitual para a análise dos dizeres inscritos nas camisetas disponibilizadas pela marca Digorestte.

Um enunciado aderente, conforme propõe o autor, é aquele que, ao integrar-se a um objeto, seja ele uma camiseta, uma placa ou outro suporte físico, estabelece com ele uma relação de contiguidade material e discursiva. Essa aderência não é apenas uma justaposição visual: ela implica uma fusão simbólica que confere ao objeto uma função enunciativa específica. Ou seja, o suporte passa a “falar”, e o enunciado assume uma posição discursiva que só adquire sentido em sua materialização.

Nesse contexto, o site da marca Digorestte é compreendido como um suporte mediador, conforme definição proposta por Maingueneau (2022, p. 15-16). Trata-se de um espaço de transição e visibilidade em que os enunciados, ainda não incorporados a um corpo expressador, são expostos ao olhar público em condição de circulação discursiva. O site apresenta imagens de camisetas vestidas por modelos que funcionam como antecipadores de ethos sociais, sugerindo determinados modos de ser e de se posicionar no mundo. Mesmo antes da aquisição do produto, os enunciados já convocam interpretações e adesões subjetivas.

Com base nessa concepção, propõe-se a categoria pré-aderência como um instrumento analítico para compreender o estágio discursivo em que os enunciados, ainda não apropriados por sujeitos empíricos, já circulam em ambientes digitais. A pré-aderência designa o momento em que o dizer, ao ser exposto no site da marca, passa a compor um circuito de sentidos que antecede sua incorporação plena, mas que já mobiliza interpretações, provoca posicionamentos e antecipa a performatividade discursiva do sujeito que eventualmente o expressará. Trata-se, portanto, de uma condição liminar que antecipa a materialização simbólica do enunciado no corpo do consumidor.

Maingueneau (2022, p. 16) adverte que “não basta estabelecer uma contiguidade material entre um enunciado e um objeto para os enunciados aderentes existirem”; é necessário que essa relação seja legitimada por um contexto que a torne significativa. O site da Digorestte, assim, funciona, nesse sentido, como um espaço institucional que legitima os dizeres ali expostos,

conferindo-lhes um estatuto discursivo reconhecido. O ambiente digital, ao inserir os enunciados em imagens, contextos de consumo e estratégias de marketing, já os inscreve em cadeias de sentido que os posicionam como dispositivos de subjetivação.

A proposta metodológica desta pesquisa, portanto, fundamenta-se na análise de enunciados aderentes em condição de pré-aderência, considerando que, mesmo antes de serem efetivamente utilizados, esses dizeres já desempenham funções discursivas significativas. As camisetas analisadas, ao serem exibidas em corpos-modelo, não apenas ilustram um produto, mas antecipam formas de pertencimento social, reforçam normas de gênero e projetam identidades específicas. O corpo que aparece nas imagens funciona como parte do dispositivo enunciativo, produzindo sentidos junto ao enunciado e ao suporte que o carrega.

Quanto ao *corpus* com o qual se vai trabalhar, este consiste nas estampas das camisetas comercializadas pela marca Digorestte. A escolha desse material justifica-se pela presença de enunciados que circulam no vestuário cotidiano, funcionando como dispositivos de significação sobre parentalidade. A Digorestte, desse modo, se destaca no mercado por explorar frases e expressões que ressoam com experiências sociais e afetivas de mães e pais, tornando-se um espaço privilegiado para observar a constituição discursiva de sentidos relacionados à parentalidade. Assim, o *corpus* permite investigar como esses enunciados constroem e reforçam valores, crenças e ideologias sobre maternidade e paternidade no contexto contemporâneo.

A opção por camisetas como objeto de análise insere-se em um campo mais amplo de estudos sobre a materialização do discurso em práticas socioculturais. Diferente de textos formais ou acadêmicos, as frases estampadas nesse tipo de vestuário possuem uma circulação espontânea e ampla, atingindo diferentes públicos em espaços diversos. Segundo Maingueneau (2022), o enunciado aderente e seu suporte formam uma unidade que não é estática, mas cuja estabilidade depende do estatuto social e material do objeto ao qual o enunciado está vinculado.

Como exemplifica o autor, uma inscrição gravada em pedra possui um tipo de aderência distinta daquela impressa em uma etiqueta adesiva ou em uma camiseta. Quando o suporte é removível ou efêmero, como no caso de peças de vestuário, torna-se mais evidente a instabilidade da aderência, pois o tempo de vida do suporte determina diretamente a duração do enunciado (Maingueneau, 2022, p. 27). A camiseta, portanto, enquanto mercadoria de uso transitório, carrega enunciados cuja permanência discursiva é tão instável quanto sua condição material.

No contexto desta pesquisa, destaca-se, no entanto, um momento anterior à apropriação do enunciado por um sujeito expressador - momento esse em que os dizeres ainda não foram incorporados a um corpo específico, mas já circulam em estado de pré-aderência. Essa categoria aqui proposta refere-se ao potencial de sentido que o enunciado mobiliza antes mesmo de ser atualizado na prática cotidiana, ou seja, o enunciado aderente, ao estar exposto no site da marca Digorestte, projeta uma posição de sujeito e um *ethos* possível, mesmo antes de ser materialmente adquirido ou vestido.

Essa dinâmica evidencia a tensão entre o caráter transitório do suporte e a força simbólica do enunciado, que convoca a adesão discursiva a partir de um regime de reconhecimento cultural e ideológico. Como afirma Maingueneau, os enunciados aderentes e seus suportes não formam um “todo compacto”, mas operam como “peças complementares de um mecanismo” (2022, p. 18). No caso das camisetas, o suporte não apenas acolhe a inscrição, mas participa ativamente da construção de sentido, por meio da materialidade têxtil, da corporeidade que projeta e das redes de consumo nas quais está inserido. Assim, a análise que segue considera não apenas o conteúdo verbal dos dizeres, mas também o modo como o suporte mediador (a camiseta) e seu ambiente de exposição (o site) condicionam e ativam os sentidos possíveis desses enunciados, já em sua fase de pré-aderência.

### 3.1 O que dizem as camisetas? Uma análise discursiva de suportes que falam

Nesta seção, é proposta uma análise discursiva de enunciados pré-aderentes sobre parentalidade, inscritos em camisetas disponíveis para compra no site da marca Digorestte, à luz da teoria de Dominique Maingueneau (2022). As peças analisadas não foram adquiridas, o que permite abordá-las a partir da noção de pré-aderência, conceito aqui proposto para refletir sobre o potencial de sentido mobilizado pelos enunciados antes mesmo de serem apropriados por um sujeito. A materialidade do corpo escolhido pelo site para expor as camisetas - masculino ou feminino - também participa da construção dos sentidos, funcionando como parte do dispositivo enunciativo que compõe o *ethos* projetado.

Conforme Foucault (2008, p. 122), um enunciado “não é, em si mesmo, uma unidade, mas uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam conteúdos concretos, no tempo e no espaço”. Assim, ainda que não incorporados a um corpo específico, os dizeres presentes nas camisetas já exercem essa função enunciativa: inscrevem-se em um campo discursivo, organizam possíveis interpretações e convocam determinadas posições de sujeito, circulando socialmente mesmo antes de sua apropriação empírica.

Os enunciados aderentes em camisetas são expressões discursivas que se integram a um suporte para comunicar mensagens específicas, muitas vezes relacionadas a valores culturais, sociais ou identitários. Como observa Maingueneau (2022), esses enunciados não são meramente acessórios estéticos, mas práticas discursivas que produzem e reforçam significados em interação com os contextos em que estão inseridos. Nas camisetas, eles funcionam como uma forma de discurso público portátil, no qual o corpo, ao vestir essa roupa, torna-se parte da performance discursiva.

Frequentemente, esses enunciados mobilizam elementos de humor, ironia ou apelo emocional para maximizar seu impacto discursivo. Isso não apenas facilita a circulação das mensagens em espaços públicos, mas também

fortalece sua eficácia como instrumentos de socialização e identificação. Como aponta Federici (2020), o discurso é uma prática social que molda e é moldada por estruturas culturais. Assim, as camisetas, enquanto suportes mediadores de enunciados aderentes, operam como dispositivos culturais que ajudam a configurar o imaginário social.

Maingueneau (2022) também destaca que a ideologia se reproduz, muitas vezes, por meio de discursos cotidianos que parecem naturais ou evidentes. No caso das camisetas, as mensagens circulam de maneira acessível, atingindo diferentes públicos e espaços. Em plataformas digitais, como lojas online ou redes sociais, esses enunciados ganham uma nova dimensão: ao se desvincularem temporariamente de seus suportes físicos, tornam-se elementos discursivos descontextualizados, mas ainda potentes na produção de sentidos.

Dessa forma, esses enunciados aderentes não apenas comunicam mensagens, mas também posicionam os indivíduos que os vestem. Ao usar uma camiseta com um enunciado desse tipo, o sujeito expressador se inscreve em uma performance discursiva que reforça ou desafia normas sociais. Isso se evidencia no fato de que esses enunciados só adquirem sentido pleno em articulação com o suporte material que os veicula. Uma frase como “Cuidado com o cão”, por exemplo, transforma-se em um aviso performativo quando inserida em uma placa no portão de uma casa. Nesse caso, o suporte (a placa e o portão) não apenas contextualiza o enunciado, mas também contribui para sua função social: alertar e provocar uma reação. O suporte, portanto, é parte constitutiva da eficácia discursiva.

As camisetas exibidas a seguir podem ser compreendidas, à luz da teoria de Dominique Maingueneau (2022), como suportes privilegiados de enunciados aderentes expressivos. Segundo o autor, esses enunciados são mobilizados para tornarem-se “expressivos da personalidade dos que são seu suporte”, os quais ele nomeia como expressadores (p. 140), ou seja, o corpo, ao vestir a camiseta, torna-se o lugar de enunciação de um dizer que não foi produzido por ele, mas que, ao ser exibido, projeta sentidos sobre quem o porta.

**Figura 1** - Camiseta com enunciado aderente sobre proteção paterna.



Fonte: DIGORESTTE. Eu tenho uma filha linda, uma arma, uma pá e um álibi. Disponível em: [https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-masculina-com-frase-cor-preta-401\\_jpg.jpg?v=1746295885&width=713](https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-masculina-com-frase-cor-preta-401_jpg.jpg?v=1746295885&width=713). Acesso: 20 maio 2025.

No enunciado “Eu tenho uma filha linda, uma arma, uma pá e um álibi”, observa-se a construção de um *ethos* paternal marcado pela proteção extrema, que se expressa por meio de uma retórica violenta revestida de humor. Essa formulação discursiva mobiliza a figura do pai vigilante e disposto a agir com brutalidade para defender a honra da filha, o que remete a uma lógica patriarcal que associa o corpo feminino à posse e à tutela masculina. Embora o tom irônico suavize a literalidade da ameaça, a estratégia humorística opera como um mecanismo de banalização simbólica da violência, permitindo que ela circule de forma socialmente aceitável e até divertida.

Como observa Maingueneau (2022), os enunciados aderentes não se limitam à expressão de uma ideia, mas performam identidades por meio de sua inserção em suportes materiais e situações enunciativas específicas. Nesse caso, o dizer adere a uma cena enunciativa marcada pela virilidade e pela espetacularização da masculinidade protetora. O corpo masculino que modela a camiseta no site - musculoso, tatuado e com expressão séria - não é um detalhe irrelevante: ele atua como operador de verossimilhança, encenando o *ethos* que o enunciado pretende projetar. A corporalidade aqui não é neutra, mas funciona como um elemento que intensifica o efeito de sentido, oferecendo um corpo

possível para a performance discursiva proposta. Tal construção se ancora em padrões hegemônicos de masculinidade que reforçam a ideia de força física como sinônimo de autoridade e cuidado. Além disso, o enunciado reforça uma concepção de paternidade pautada na heteronormatividade e na vigilância sexual na medida em que projeta a filha como alguém que precisa ser defendida - ou controlada - pelo pai.

Assim, trata-se de um gesto discursivo que, ainda que travestido de brincadeira, reproduz uma lógica de regulação do corpo feminino, remetendo à ideia de que a honra da família reside no comportamento da filha, e que cabe ao pai zelar por essa integridade por meio da ameaça. Ao fazê-lo, o enunciado adere a uma matriz discursiva conservadora que associa masculinidade a controle e violência, e feminilidade à vulnerabilidade e dependência. Essa concepção dialoga com o que Neyrand (2016) discute sobre a transição da parentalidade de uma visão exclusivamente biológica para um conceito relacional e subjetivo. No entanto, ao invés de refletir essa transformação, o enunciado na camiseta reafirma um modelo tradicional em que o pai assume uma função de autoridade e posse sobre a filha.

Como Gorin *et al.* (2015) apontam, os discursos sobre parentalidade são atravessados por ideologias que podem reforçar ou desafiar as normas sociais; no caso desta camiseta, observa-se um reforço da autoridade masculina e da objetificação das mulheres, as quais são tratadas como passíveis de controle por parte dos pais. A performatividade de gênero, conforme Butler (2003), também se manifesta nesse enunciado ao delimitar papéis rígidos para pais e filhas. O pai é representado como um protetor violento, enquanto a filha é reduzida à sua aparência, necessitando da intervenção paterna para se manter “intacta”. Esse tipo de discurso reitera estereótipos de gênero e desconsidera a autonomia das mulheres, reforçando uma relação hierárquica entre homens e mulheres dentro da estrutura familiar.

A análise discursiva dos enunciados aderentes, conforme proposta por Maingueneau (2020), permite compreender como essa mensagem opera na construção de sentidos sobre parentalidade. Ao aderir à camiseta, o enunciado se inscreve no corpo do sujeito que a veste, funcionando como um marcador

ideológico. Assim, ao invés de apenas refletir um posicionamento individual, ele participa da manutenção de um imaginário social que legitima práticas de controle patriarcal e naturaliza discursos violentos sob a roupagem do humor.

Além disso, a escolha de um homem branco, aparentemente de classe média, para estampar esse discurso não é aleatória. Conforme Maingueneau (2008), a cenografia compreende a encenação do discurso, ou seja, a maneira como o discurso se apresenta como aceitável e coerente em uma determinada cena enunciativa. A figura do homem branco adulto evoca o provedor, o protetor, o chefe de família tradicional, que, neste caso, fala a partir de um lugar de autoridade patriarcal.

Esse corpo branco, masculino e presumivelmente heterossexual, funciona como um suporte semiótico legitimador do discurso proferido: é ele quem pode “naturalmente” dizer essa frase sem que pareça ameaça direta ao *status quo*, pois encarna o sujeito normativo da sociedade ocidental. Se fosse um corpo negro, trans, feminino ou indígena a dizer tal enunciado, sua recepção pública provavelmente variaria drasticamente, pois o enunciado deixaria de ser “engraçado” ou “protetivo” e passaria a ser lido como ameaça, agressividade ou inadequação.

Por fim, cabe destacar que o sucesso comercial dessa peça - apontada no site como a mais vendida da marca - evidencia o alto grau de adesão social a esse tipo de representação. No entanto, tal sucesso também pode ser interpretado como um indício da necessidade de promover discursos contra-hegemônicos que questionem a naturalização dessas formas de parentalidade, propondo novos modos de enunciar o cuidado, a autoridade e os vínculos familiares a partir de perspectivas mais igualitárias e sensíveis às transformações culturais contemporâneas.

**Figura 2** - Camiseta com enunciado aderente sobre maternidade atípica.



Fonte: DIGORESTTE. Mãe atípica. Disponível em:  
[https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-feminina-com-frase-cor-azul-427\\_jpg.jpg?v=1719294685&width=713](https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-feminina-com-frase-cor-azul-427_jpg.jpg?v=1719294685&width=713) . Acesso em: 01 jun. 2025.

O enunciado “MÃE ATÍPICA”, estampado na camiseta analisada, opera na contramão dos discursos tradicionais sobre a maternidade ao evocar uma figura materna que se distancia do ideal normativo da “mãe perfeita”, abnegada e sempre disponível. Trata-se de um dizer que rompe com a imagem hegemônica da maternidade romantizada e heteronormativa ao inscrever no suporte material uma reivindicação identitária que articula diferença, exaustão e potência. Ainda que breve e lacônico, o enunciado mobiliza um campo semântico complexo, pois ativa discursos contemporâneos sobre neurodivergência, deficiência, sobrecarga materna e os múltiplos modos de exercer a maternidade fora dos padrões socialmente sancionados.

A materialidade do suporte - o corpo jovem e estilizado da modelo feminina que veste a camiseta - inscreve uma performance discursiva que mistura desgaste e orgulho, resistência e humor. Como propõe Maingueneau (2022), o corpo do expressor não é neutro, mas parte constitutiva da cena enunciativa. Neste caso, o corpo exposto no site projeta um *ethos* materno que se afirma por meio da diferença, encenando uma subjetividade que não se

enquadra nos moldes da mãe dócil e idealizada, mas tampouco rejeita o lugar materno. A zona do tórax, espaço de máxima visibilidade, torna-se o lugar onde o sujeito expressador performa um dizer que tensiona o que se espera de uma “boa mãe”.

Esse enunciado aderente também convoca o leitor a ativar sentidos que extrapolam a literalidade da frase. A expressão “mãe atípica” pode referir-se tanto à mulher que cuida de filhos com necessidades específicas quanto àquela que vive a maternidade a partir de um lugar subjetivo, político ou afetivo não normativo. Essa polissemia é constitutiva de sua eficácia discursiva, pois permite a adesão de diferentes sujeitos que se reconhecem nos deslocamentos do modelo idealizado. Como afirma Maingueneau (2022, p. 142), “o expressador encena em sua fala o ponto de vista de um enunciador do qual ele se distancia por meio da própria enunciação, sem, no entanto, rejeitá-la como absurda”. É nesse jogo entre apropriação e distanciamento, entre reconhecimento e ironia, que o enunciado ganha densidade simbólica.

Por outro lado, é importante problematizar os riscos de esvaziamento político desse tipo de dizer quando inserido em circuitos de consumo. Ao ser transformada em produto, a reivindicação identitária pode ser suavizada ou neutralizada por uma lógica mercadológica que transforma experiências de sofrimento e resistência em estilo ou nicho de mercado. A exposição do enunciado em um ambiente comercial digital também pode gerar um tensionamento entre a autenticidade do dizer e sua estetização para fins de venda.

Ainda assim, a circulação desse tipo de enunciado em plataformas públicas amplia a visibilidade de experiências maternas não normativas, abrindo espaço para formas mais plurais e potentes de parentalidade. A camiseta com a inscrição “MÃE ATÍPICA” funciona, portanto, como um dispositivo discursivo que tensiona o campo simbólico da maternidade, reconfigura lugares de sujeito e possibilita a emergência de novas formas de enunciação identitária no espaço público.

**Figura 3** - Camiseta com enunciado aderente sobre ideal paterno heroico.



Fonte: DIGORESTTE. Herói&Marido&Protetor. Disponível em:  
<https://digorestte.com.br/collections/pais-e-maes/products/camiseta-marido-pai-heroi-e-protetor>  
Acesso em 19 de fevereiro de 2025.

A camiseta exibida na imagem é de cor azul-marinho, com um modelo clássico de gola redonda e mangas curtas, com a estampa frontal apresentando um design minimalista, um texto branco alinhado à esquerda em uma fonte *sans-serif* e em negrito, garantindo boa legibilidade e impacto visual. O texto segue um formato tipográfico inspirado no estilo “list & list & list & list.”, comum em camisetas e materiais gráficos modernos. A mensagem impressa na camiseta é:

Herói &  
Papai &  
Marido &  
Protetor.

O uso do *ampersand* (&) entre as palavras cria um efeito visual marcante e reforça a ideia de múltiplos papéis desempenhados por um pai ou marido, destacando-o como alguém que protege e cuida da família. Percebe-se que o tom da mensagem sugere um discurso de valorização e reconhecimento da figura paterna e do marido, reforçando características tradicionalmente associadas à masculinidade protetora e responsável.

A sequência discursiva presente na camiseta acima reafirma modelos tradicionais de parentalidade ao associar a figura masculina a papéis heroicos, de autoridade e proteção. A estrutura da frase estabelece uma hierarquia simbólica na qual o homem se define a partir de sua relação com os outros (filhos e esposa), consolidando a ideia do pai e marido como centro da estrutura familiar. Como aponta Neyrand (2016), a parentalidade tem passado por transformações que a afastam de uma visão estritamente biológica e normativa, caminhando para um conceito mais relacional. No entanto, o enunciado da camiseta reforça um modelo patriarcal clássico, em que a figura masculina é vinculada à força, liderança e salvaguarda dos demais membros da família.

Essa construção discursiva também pode ser analisada sob a ótica da performatividade de gênero, conforme Butler (2003). O fato de a figura masculina ser associada exclusivamente a atributos como “herói” e “protetor” sugere que sua identidade parental e conjugal está ancorada em papéis de dominação e segurança, enquanto funções como cuidado e afeto são secundarizadas ou invisibilizadas. O discurso da camiseta ignora a possibilidade de novas configurações de parentalidade que rompem com a dicotomia entre homens provedores e mulheres cuidadoras, tal como discutido por Gorin *et al.* (2015), que destacam a pluralidade dos arranjos familiares contemporâneos.

Ao aderir à materialidade da camiseta, esse enunciado se inscreve no corpo daquele que a veste, funcionando como um reforço da autoridade masculina na família. Como aponta Maingueneau (2020), os enunciados aderentes não apenas comunicam uma mensagem, mas também reconfiguram a identidade do objeto (neste caso, a própria vestimenta) e do sujeito que a utiliza. A escolha das palavras na camiseta constrói um *ethos* masculino que se apoia na virilidade, na força e na liderança, silenciando discursos alternativos sobre masculinidade e parentalidade, como os que enfatizam o compartilhamento equitativo das responsabilidades familiares.

Assim, constata-se que essa camiseta só produz um efeito discursivo completo porque é encenada por um corpo específico: um homem branco de meia-idade, com aparência serena, cabelo grisalho e barba bem cuidada. Esse corpo projeta um *ethos* de maturidade, estabilidade, autoridade e

respeitabilidade. Não se trata apenas de uma escolha estética, mas de uma construção de lugar de enunciação legitimado. O homem branco aparece como o sujeito que pode, com credibilidade, ocupar os quatro papéis destacados na camiseta. Ele é o enunciador ideal do texto porque incorpora a norma, isto é, ele é o “homem universal” da publicidade, alguém com quem o público-alvo (também masculino, branco e de classe média) pode se identificar sem ruído discursivo.

As listas possuem uma função organizadora do pensamento e da memória, servindo tanto como um dispositivo prático quanto como um mecanismo narrativo e poético. Eco (2009) argumenta que a humanidade recorre às listas para lidar com a vastidão do conhecimento e com a impossibilidade de compreendê-lo na totalidade. As listas, segundo Eco, criam uma ordem temporária e arbitrária, permitindo ao sujeito se orientar diante do caos do mundo. O semiólogo italiano fala o mesmo em lista de compras.

No contexto da camiseta em questão, a estrutura listada dos enunciados reforça uma estética moderna e sintética, que se aproxima do discurso publicitário e das tipografias minimalistas. Essa disposição sequencial sugere que a identidade do sujeito pode ser entendida como uma acumulação de atributos, cada um contribuindo para uma representação específica. Porém, como Eco (2009) sugere, as listas também possuem um caráter vertiginoso, pois ao mesmo tempo que tentam ordenar o mundo, elas evidenciam sua infinitude e incontrolabilidade.

No caso das camisetas, os elementos listados - como “Herói, Papai, Marido, Protetor” - tentam capturar a essência de uma identidade masculina idealizada, estabelecendo um conjunto de atributos fixos. No entanto, essa fixidez pode ser questionada, pois a identidade é fluida e não necessariamente redutível a um número limitado de características. Esta lista, então, parece tanto reforçar uma identidade estável quanto provocar reflexões sobre a impossibilidade de sintetizar a complexidade humana em poucos termos. Além disso, há que se questionar quem utilizará a camiseta, tornando-a um enunciado aderente.

Por conseguinte, ao ser disponibilizada em um ambiente comercial, essa camiseta não apenas veicula um enunciado, mas oferece ao consumidor a

possibilidade de *incorporar* um *ethos*, legitimando uma identidade socialmente valorizada. Nesse sentido, o ato de comprar e vestir o produto se torna parte de uma performance discursiva que articula consumo, masculinidade e reconhecimento social. Como observa Bauman (2008), na sociedade contemporânea, o consumo não se limita à aquisição de bens, mas funciona como mecanismo de produção de identidades e distinções. O sujeito que adquire essa camiseta não apenas se identifica com os valores nela expressos, mas também os reafirma como legítimos dentro de um campo simbólico de prestígio e normalização.

Outro aspecto relevante diz respeito à *opacidade ideológica* do enunciado. Diferente de outros dizeres que deixam margem para ambiguidade ou ironia, esse constrói uma afirmação categórica e positiva, que se apresenta como autoevidente. Trata-se de um discurso que opera sob o que Maingueneau (2022) denomina *regime de evidência*, isto é, um dizer que não se propõe a ser argumentado, mas aceito como verdade imediata. Essa ausência de abertura ao contraditório contribui para o reforço de estereótipos, silenciando alternativas discursivas sobre o exercício da paternidade e da conjugalidade.

Embora a lista aparentemente agregue múltiplos papéis, ela também produz um efeito de *fechamento identitário*. Ao delimitar quatro atributos, todos eles consonantes com um ideal normativo de masculinidade, o enunciado *esgota* os possíveis modos de ser pai e marido dentro de um único repertório discursivo. Esse fechamento tem implicações importantes: impede o reconhecimento de outras formas de parentalidade - como as paternidades negras, trans, homoafetivas ou dissidentes -, reafirmando uma imagem única, hegemônica e publicamente aceitável do homem “completo”.

**Figura 4** - Camiseta com enunciado aderente sobre maternidade intensiva e abnegação materna.



Fonte: DIGORESTTE. Checklist da mãe raiz: Disponível em: <https://digorestte.com.br/collections/pais-e-maes/products/camiseta-checklist-mae-raiz> Acesso 24 de fev. 2025.

A camiseta exibida na imagem é de cor preta, com um modelo clássico de gola redonda e mangas curtas, confeccionada possivelmente em algodão ou uma mistura de algodão e poliéster. A estampa frontal apresenta um *design* minimalista, com um texto em branco organizado em forma de *checklist*, remetendo a um formato visual associado a listas de tarefas ou afazeres.

O título da estampa é “Checklist da mãe raiz:”, seguido por uma série de frases populares atribuídas a mães, especialmente no contexto da cultura brasileira. Cada frase está precedida por um ícone de *checklist*, reforçando a ideia de uma lista tradicional de expressões maternas. As frases incluem:

- ✓ Na volta a gente compra
- ✓ Se correr é pior
- ✓ Você não é todo mundo
- ✓ Entra que eu não vou te bater
- ✓ Se eu achar vou esfregar na sua cara
- ✓ Ninguém me ajuda nessa casa
- ✓ Leva o casaco
- ✓ Com quem você vai?
- ✓ Não fez mais que sua obrigação
- ✓ Em casa a gente conversa

- ✓ Vou contar até 10

Nesse sentido, observa-se que a mensagem da camiseta apresenta uma lista de frases típicas associadas à figura materna tradicional, reforçando um modelo de parentalidade baseado no controle, autoridade e sacrifício. De acordo com Neyrand (2016), a parentalidade contemporânea se afasta de uma perspectiva meramente biológica e passa a ser compreendida como um campo relacional e subjetivo, no qual os discursos sobre a maternidade são ressignificados de acordo com os contextos socioculturais.

No entanto, a camiseta reforça a ideia de uma maternidade rígida e normativa, associada a um modelo disciplinador e à naturalização de um papel de vigilância e comando sobre os filhos, o que pode contribuir para a manutenção de padrões tradicionais de gênero na parentalidade. Por conseguinte, a lista de frases reforça um discurso materno normativo, que ecoa os princípios da família nuclear e das relações de autoridade baseadas na hierarquia parental. Conforme Gorin *et al.* (2015), a desconstrução desse modelo de família tradicional é essencial para reconhecer a diversidade de arranjos familiares contemporâneos e evitar a naturalização de um ideal materno que muitas vezes é excludente ou excessivamente exigente.

Além disso, a perspectiva psicanalítica de Zornig (2010) indica que a parentalidade envolve projeções inconscientes e ressignificações subjetivas, de modo que as frases presentes na camiseta não apenas representam um modelo materno autoritário, mas também evocam uma construção psíquica do papel da mãe como figura de controle e autoridade. Esse discurso dialoga com a ideia freudiana de que os pais projetam nos filhos suas próprias inseguranças e tentam moldá-los a partir de um ideal parental internalizado desde a infância.

Do ponto de vista da performatividade de gênero discutida por Butler (2003), a camiseta reforça uma identidade materna como um papel reiterado culturalmente, consolidando um modelo específico de maternidade que pode não abranger a diversidade de experiências parentais contemporâneas. A noção de que ser mãe implica necessariamente a repetição desses enunciados destaca como a maternidade continua a ser regulada por normas sociais que estabelecem expectativas rígidas sobre o comportamento materno.

Em contraponto, se a parentalidade moderna, como discute Bauman (2004), é marcada pela fluidez e pela necessidade de renegociar constantemente os papéis parentais, a mensagem da camiseta sugere um modelo fixo e imutável, alinhado a um tempo em que as mães eram vistas como principais responsáveis pela educação e disciplina dos filhos. Reitera-se, como supracitado, que tal camiseta pode ser considerada um enunciado pré-aderente enquanto ainda está exposta em uma loja ou catálogo, pois seu enunciado não está vinculado a um sujeito específico, permanecendo em um estado de disponibilidade discursiva.

No momento em que uma pessoa a veste, contudo, o enunciado passa a ser aderente, pois estabelece uma relação direta entre o texto impresso e a identidade do sujeito que o incorpora. No entanto, a interpretação da mensagem pode variar de acordo com quem a usa: uma mãe que se identifica com essas frases pode reforçar a ideia de uma maternidade tradicional e disciplinadora, enquanto uma pessoa que veste a camiseta de forma irônica pode ressignificar o discurso, transformando-o em um comentário crítico ou humorístico sobre os papéis parentais.

A escolha do corpo enunciador é estratégica: uma mulher branca jovem, de aparência serena e contemporânea. Isso cria uma tensão irônica entre a imagem da modelo e o conteúdo da camiseta. O discurso remete à figura de uma mãe mais velha e tradicional, mas quem o enuncia é um corpo jovem. Essa disjunção produz humor e identificação, ativando um *ethos* ambíguo: ao mesmo tempo em que ela encena o papel da “mãe raiz”, ela o faz com distanciamento, como quem revive ou homenageia uma geração anterior.

Esse efeito de distância afetiva e crítica é típico da cenografia irônica (Maingueneau, 2008), na qual o sujeito não apenas diz algo, mas se posiciona como quem revive um discurso com afeto e leveza, sem tom acusatório. O *ethos* discursivo, portanto, é maternal e cúmplice, mas também atualizado, adaptado a uma sensibilidade contemporânea que ironiza sem abandonar os vínculos emocionais com esse modelo materno. A escolha de uma mulher branca como portadora desse discurso também produz sentidos específicos.

A branquitude, nesse caso, opera como marcador de neutralidade e legitimidade. É o corpo que pode vestir esse discurso sem parecer agressivo ou disfuncional. Se fosse uma mulher negra, por exemplo, é possível que a leitura pública deslizesse para um estereótipo de mãe “brava”, “violenta” ou “autoritária”, por conta da racialização do discurso e do corpo. A branquitude, portanto, neutraliza a tensão e ressignifica o autoritarismo como cuidado e amor. A organização das frases em formato de *checklist* não apenas remete a listas de tarefas, mas também performa, esteticamente, a sobrecarga materna. Transformar essas expressões - marcadas por tensão, cansaço e cobrança - em design minimalista é uma forma de estetizar o desgaste emocional da maternidade.

O que é vivenciado como peso e cobrança, na experiência concreta da parentalidade, é reconfigurado como algo leve, divertido e comprável. Há, nesse gesto discursivo, um processo de despolitização da sobrecarga: ela é tratada como herança cultural, não como sintoma de desigualdade. Assim, a camiseta participa de um movimento mais amplo de mercantilização da exaustão materna, que a transforma em estilo, apagando suas causas estruturais. O sucesso discursivo dessa camiseta também se sustenta em um apelo à memória afetiva coletiva.

Ao ativar expressões recorrentes no imaginário familiar, o enunciado convoca o leitor a reconhecer um passado comum, compartilhado, muitas vezes associado à infância. Esse movimento de reconhecimento funciona como uma estratégia de adesão simbólica: o riso e a empatia diante da frase “vou contar até 10...” operam como mecanismos de legitimação do modelo materno tradicional. Assim, o discurso se fortalece não apenas pela autoridade do que diz, mas pelo afeto que mobiliza. A nostalgia, nesse caso, age como operador ideológico suave, tornando aceitável - e até simpático - um conjunto de práticas baseadas na autoridade, na cobrança e no controle.

Embora a camiseta possa ser lida como crítica ou ironia, é preciso considerar que o humor opera aqui como forma de neutralização dos efeitos simbólicos da autoridade. Ao rir das frases, o leitor se distancia de sua carga coercitiva, suavizando seus efeitos. No entanto, essa suavização não implica

necessariamente crítica: muitas vezes, o humor funciona como anestesia ideológica, que impede a problematização dos valores reforçados. O riso, nesse caso, reforça a norma sob o pretexto da brincadeira. A naturalização de frases autoritárias como parte do “kit mãe” contribui para manter inquestionado o modelo de maternidade que exige renúncia, comando e vigilância como formas de amor.

Outro ponto a se considerar é a ausência de qualquer representação do sujeito-filho no enunciado. A lista é toda centrada na figura da mãe, suas falas, suas ordens, sua autoridade. O filho aparece apenas como alvo implícito da disciplina, sem agência, sem voz, sem afeto. Esse apagamento produz uma maternidade autocentrada e unilateral, em que a relação é substituída pela repetição de fórmulas.

**Figura 5** - Camisetas com enunciados aderentes que afirmam identidades parentais e filiais em torno da atipicidade.



Fonte: DIGORESTTE. PAI ATÍPICO. MÃE ATÍPICA. FILHO ATÍPICO. FILHA ATÍPICA.  
Disponível em: [https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/219-MINHASTIASSAOLOUCAS\\_4.jpg?v=1744593632&width=713](https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/219-MINHASTIASSAOLOUCAS_4.jpg?v=1744593632&width=713). Acesso em: 01. jul. 2025

O enunciado “PAI ATÍPICO”, assim como os demais da mesma série (“MÃE ATÍPICA”, “FILHO ATÍPICO” e “FILHA ATÍPICA”), encontra-se estampado em camisetas disponibilizadas para compra no site da marca Digorestte. Esses dizeres, ainda não apropriados por sujeitos empíricos, configuram-se como

enunciados aderentes em estado de pré-aderência, conforme a categoria analítica proposta nesta dissertação. Inspirada na teoria de Dominique Maingueneau (2022), a noção de pré-aderência descreve a condição em que o dizer ainda não foi incorporado por um corpo expressador, mas já circula discursivamente, articulando-se a suportes materiais e a cenas de enunciação mediadas por instâncias institucionais, como o espaço virtual da loja.

Nesse contexto, os dizeres projetam sentidos antes mesmo de serem vestidos: a disposição gráfica dos enunciados, o enquadramento da imagem, os corpos dos modelos e o ambiente visual construído pelo site funcionam como dispositivos enunciativos que configuram uma cena prévia à adesão individual, mas já carregada de valor simbólico e performatividade. Como assevera Maingueneau (2022), o enunciado aderente não pode ser compreendido fora da materialidade que o sustenta. E, nesse caso, o site da marca opera como um suporte mediador, que legitima certos dizeres ao selecioná-los, expô-los e oferecer modos de apropriação possíveis para sujeitos no mercado de consumo identitário.

Do ponto de vista dos sentidos produzidos, os enunciados da série “atípico/a” atualizam discursos que se afastam do ideal tradicional da parentalidade normativa - centrada na cis-heteronormatividade, na neurotipia, na divisão hierárquica de papéis entre mãe cuidadora e pai provedor. Ao contrário, convocam um campo semântico atravessado por discursos sobre deficiência, inclusão, diversidade familiar e pertencimento identitário. Isso evidencia que tais dizeres participam de uma rede interdiscursiva em que a parentalidade é entendida não como essência biológica, mas como formação discursiva, isto é, como um conjunto de posições ideológicas possíveis sobre o que é ser pai, mãe, filho ou filha em determinado tempo histórico (Campos; Tílio, 2018).

Nesse sentido, os enunciados não apenas descrevem ou informam, mas atuam performativamente, instituindo modos de subjetivação parental que escapam à lógica do modelo familiar hegemônico. A repetição do adjetivo “atípico/a”, atribuído a cada integrante da família, não apenas rompe com o ideal da normalidade, mas inscreve a diferença como valor compartilhado, acionando um *ethos* coletivo que mistura orgulho, afeto e resistência. Como lembra Butler

(2003), as identidades parentais, longe de serem naturais, são construídas por meio de práticas reiteradas e socialmente reguladas - e a exposição desses dizeres em um ambiente de consumo evidencia a tentativa de legitimar novas formas de parentesco e cuidado.

Por outro lado, como destaca Zornig (2010), a parentalidade envolve projeções inconscientes, afetos e fantasmas geracionais que atravessam a experiência subjetiva de ser pai ou mãe. Os enunciados analisados, mesmo em pré-aderência, já evocam tais dimensões psíquicas ao acionarem figuras parentais que reivindicam visibilidade e reconhecimento por sua diferença. Isso revela a potência simbólica desses dizeres, que condensam tensões entre o ideal da parentalidade abnegada e a realidade da parentalidade exausta, diversa, atravessada pela deficiência ou pela quebra de expectativas normativas.

Entretanto, como lembra Mazzucatto (2023), a parentalidade na modernidade líquida vive sob o signo da ambivalência: exige compromisso afetivo de longo prazo em um cenário regido pela descartabilidade das relações e pela lógica da mercadoria. A exposição dos enunciados em um site comercializa não apenas produtos, mas formas de ser no mundo. Há, portanto, um risco de que a diferença encenada pelos dizeres “atípico/a” seja capturada por uma lógica de mercado que estetiza o dissenso, convertendo a reivindicação em estilo.

Ainda assim, a circulação desses enunciados em plataformas digitais amplia a visibilidade de experiências parentais não hegemônicas e permite que a parentalidade - compreendida nesta pesquisa como um efeito de discurso, e não como categoria natural - seja reconfigurada por meio de objetos do cotidiano como camisetas. Assim, mesmo em estado de pré-aderência, esses dizeres operam como dispositivos discursivos que antecipam modos de adesão, projetam sujeitos e participam da disputa simbólica por reconhecimento e pertencimento no tecido social contemporâneo.

Diferentemente de outros enunciados analisados nesta pesquisa, a série “atípico/a” não mobiliza recursos humorísticos ou ambíguos. A ausência de ironia ou distanciamento produz um efeito de *seriedade discursiva*, sugerindo que tais enunciados devem ser lidos como posicionamentos identitários legítimos e

afirmativos. Esse tom direto e afirmativo se alinha às estratégias discursivas de movimentos sociais contemporâneos que reivindicam reconhecimento sem mediação cômica, recusando a necessidade de suavizar a diferença para torná-la aceitável.

Por fim, é possível compreender esses enunciados em pré-aderência como operadores em comunidades imaginadas, desejadas, na medida em que projetam sujeitos e vínculos ainda não realizados, mas desejáveis. A camiseta com a inscrição “PAI ATÍPICO”, ao circular em ambientes virtuais, convoca sujeitos que compartilham dessa identidade - ou que aspiram a ela - a se reconhecerem mutuamente. A força discursiva do enunciado, mesmo antes de sua incorporação corporal, reside justamente nessa capacidade de articular desejos coletivos, vínculos possíveis e formas de pertencimento que ainda estão em construção.

**Figura 6** - Camiseta com enunciado aderente que associa o filho a um super-herói sob a perspectiva materna.



Fonte: DIGORESTTE. Eu sou o super-herói favorito da mamãe. Disponível: [https://cdn.shopify.com/s/files/1/0634/8029/9777/files/10\\_f7c226d6-cfb0-4bb4-aacb-fa6e3834496d.jpg?v=1745183636](https://cdn.shopify.com/s/files/1/0634/8029/9777/files/10_f7c226d6-cfb0-4bb4-aacb-fa6e3834496d.jpg?v=1745183636). Acesso em: 01 jul. 2025.

O enunciado estampado na camiseta, “EU SOU O SUPER-HERÓI FAVORITO DA MAMÃE”, compõe uma formulação discursiva aderente em estado de pré-aderência, uma vez que se encontra em exposição no site da

marca Digorestte, ainda não incorporado por um sujeito expressador empírico. A análise deste dizer exige, portanto, considerar os efeitos de sentido produzidos não apenas pela frase, mas por sua articulação com o suporte material da camiseta, o corpo do modelo infantil que a veste e o cenário discursivo criado pela marca. Conforme propõe Dominique Maingueneau (2022), os enunciados aderentes não operam de forma autônoma, mas se constituem na relação entre linguagem e suporte, cuja materialidade é decisiva na construção de sentidos.

A formulação “super-herói favorito da mamãe” conjuga dois campos discursivos centrais: o da cultura de massas e o da parentalidade afetiva. O enunciado ativa, por um lado, a linguagem dos quadrinhos e dos filmes de super-heróis, amplamente difundida no imaginário infantil contemporâneo; por outro, inscreve-se no universo da intimidade materna ao apresentar-se como uma declaração de amor e valorização do vínculo entre mãe e filho. Trata-se, portanto, de um dizer que projeta um *ethos* infantil idealizado, no qual a criança é representada como forte, protetora e absolutamente amada, uma figura de potência emocional e simbólica.

No entanto, esse enunciado também evidencia formações discursivas que naturalizam certos papéis parentais, sobretudo o da maternidade como vínculo incondicional, sacrificial e centrado no filho homem. A associação entre afeto materno e superpoderes projetados sobre o corpo masculino infantil reforça uma concepção idealizada e tradicional da figura do filho como extensão do desejo e da identidade da mãe. Como discutem Campos e Tílio (2018), a parentalidade é atravessada por discursos ideológicos que produzem regularidades sobre o que se pode dizer ou esperar de pais, mães e filhos. Nesse caso, o enunciado atua como um suporte ideológico que celebra uma maternidade romântica e centrada no filho, silenciando possíveis tensões, frustrações ou divergências.

A imagem do corpo da criança, fundido ao corpo do Hulk, figura icônica da força bruta e da transformação, carrega uma camada visual de performatividade que reforça o sentido do enunciado. Como propõe Judith Butler (2003), as identidades - inclusive a parental e a infantil - são construídas por meio de atos reiterados que atualizam normas sociais e de gênero. A camiseta, nesse contexto, transforma-se em um artefato performático que projeta um

sujeito infantil masculinizado, heroico e validado pelo olhar materno. Trata-se de uma encenação de subjetividade infantil moldada por discursos afetivos e midiáticos, que reforçam padrões normativos sobre os modos de ser menino, ser filho e ser objeto de orgulho materno.

Ao mesmo tempo, a cena enunciativa criada pelo site da marca Digorestte, ao exibir a camiseta no corpo de um menino em uma ambientação domesticada e acolhedora, funciona como um dispositivo que legitima esse dizer como expressão desejável, amorosa e apropriada para o consumo. Nesse cenário, o site se configura como suporte mediador, conforme analisa Maingueneau (2022), isto é, uma instância que valida determinados dizeres ao apresentá-los como produtos afetivos e identitários a serem incorporados por famílias.

Contudo, como observa Mazzucatto (2023), na modernidade líquida, os afetos também se tornam mercadorias simbólicas. O enunciado analisado transforma o vínculo materno em objeto de consumo e visibilidade pública, estetizando uma relação íntima que passa a circular como produto, imagem e valor. Nesse processo, emerge uma tensão entre o afeto representado e sua conversão em mercadoria, dinâmica que tende a suavizar os conflitos e contradições próprios da parentalidade, substituindo-os por imagens padronizadas de idealização e heroísmo infantil.

Dessa forma, a análise do enunciado “EU SOU O SUPER-HERÓI FAVORITO DA MAMÃE” evidencia como uma formulação aparentemente ingênua é atravessada por discursos ideológicos que naturalizam afetos, papéis parentais e performances de masculinidade infantil. Mesmo em estado de pré-aderência, o dizer já participa da disputa por sentidos em torno da parentalidade contemporânea, convocando sujeitos, performando vínculos e atualizando expectativas normativas sobre as relações familiares. Além disso, a escolha de um menino branco como corpo-modelo do enunciado projeta um ideal racializado de masculinidade infantil - doce, forte, valorizada - que nem sempre está disponível para meninos negros no imaginário social. A branquitude, nesse caso, opera como marca de inocência e universalidade, facilitando a identificação do público consumidor com o *ethos* proposto pela camiseta.

Em contrapartida, a ausência de diversidade racial na encenação pode reforçar a invisibilidade de outras infâncias e parentalidades, reiterando padrões de representação que associam afeto e heroísmo a corpos normativos. Assim, mesmo um discurso aparentemente positivo pode participar da reprodução simbólica de desigualdades estruturais ao excluir do campo da visibilidade identitária experiências marcadas por raça, classe ou deficiência.

**Figura 7** - Camiseta com enunciado aderente sobre os atributos idealizados da figura paterna.



Fonte: DIGORESTTE. PARCEIRO. EXEMPLO. AMIGO. PAI. Disponível: [https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-masculina-com-frase-cor-branca-604\\_jpg.jpg?v=1720072349&width=713](https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-masculina-com-frase-cor-branca-604_jpg.jpg?v=1720072349&width=713). Acesso 01 jul 2025.

O enunciado estampado na camiseta - “✓ PARCEIRO ✓ EXEMPLO ✓ AMIGO PAI” - apresenta uma sequência lexical que constrói uma determinada imagem da paternidade contemporânea por meio de uma lógica de *checklist*, em que os três primeiros atributos são “conquistados” e o último, “pai”, aparece como desfecho ainda em curso, indicado por um ícone de relógio. Esse dizer, disponibilizado para venda no site da Digorestte e, portanto, em estado de pré-aderência, funciona como enunciado aderente que antecipa sentidos e convoca posições de sujeito antes de ser incorporado por um corpo empírico.

A ordem sequencial dos termos e os sinais de verificação sugerem uma trajetória de formação masculina vinculada a ideais de afeto, companheirismo e responsabilidade relacional. Ao articular as palavras “parceiro”, “exemplo” e

“amigo” como etapas anteriores à identidade de “pai”, o enunciado propõe um modelo de paternidade que se distancia da autoridade patriarcal verticalizada e se aproxima de uma figura afetiva e horizontalizada, que se constrói progressivamente em relação ao outro. Essa formulação discute diretamente com as transformações nos modelos de parentalidade, como observam Gorin *et al.* (2015) ao indicarem que o exercício da paternidade não é um dado biológico, mas uma posição construída a partir de práticas e vínculos afetivos que devem ser performados no tempo.

Essa leitura é reforçada pela referência visual ao relógio, que indica que o lugar de “pai” está em formação, ainda em processo de consolidação. Tal aspecto ressoa com a abordagem psicanalítica de Zornig (2010), quando aponta que a parentalidade, longe de ser um ponto de chegada estático, é um percurso subjetivo em constante elaboração, atravessado por projeções, fantasmas e ressignificações. O enunciado, nesse caso, traduz essa complexidade em uma linguagem simplificada e visualmente atrativa, que reorganiza o processo de tornar-se pai dentro de uma narrativa progressiva e meritocrática.

Do ponto de vista antropológico, o dizer pode ser interpretado à luz das formulações de Claude Lévi-Strauss (1980), para quem a paternidade é, antes de tudo, um papel simbólico dentro de um sistema de trocas sociais. No enunciado analisado, os atributos listados antecedem o reconhecimento da identidade paterna, revelando que o lugar de pai, como no modelo estruturalista, não é assegurado apenas pela descendência biológica, mas por normas culturais e funções sociais. O pai aqui é “reconhecido” à medida que cumpre outras funções valoradas no imaginário ocidental moderno: ser parceiro conjugal, exemplo moral e amigo dos filhos. Essa ordem de construção também reflete a centralidade da reciprocidade e da legitimação simbólica que, segundo Lévi-Strauss (1980), sustentam os sistemas de parentesco.

De outro modo, a crítica de David Schneider (2016) à centralidade da biologia nos estudos de parentesco também é mobilizada indiretamente por esse enunciado. O lugar de pai não é aqui naturalizado como dado genético, mas inserido em uma lógica simbólica e relacional que depende da validação de outros papéis sociais e afetivos. O uso de ícones e marcações visuais (*check*,

relógio) reforça a ideia de que ser pai é algo a ser conquistado por meio de ações e condutas, o que desloca a paternidade do campo da natureza para o da cultura, exatamente como propunha Schneider (2016). Nesse sentido, o dizer funciona como tecnologia de subjetivação parental, que molda o modo como os homens devem performar seus vínculos afetivos para “alcançar” a condição de pai legítimo.

A estética da camiseta, sua linguagem visual e a organização sequencial dos dizeres projetam um *ethos* masculino moderno, sensível e engajado, que tenta se distanciar da figura do pai ausente, autoritário ou distante, tradicionalmente presente nas representações hegemônicas. Contudo, também é possível interrogar a normatividade implícita nesse novo modelo de paternidade idealizada, que exige do homem um repertório afetivo e moral elevado, o que pode obscurecer os conflitos e desigualdades estruturais que ainda atravessam a divisão sexual do cuidado.

Assim, o enunciado aderente analisado atua como um dispositivo performativo de filiação simbólica, que ressignifica o lugar do pai no imaginário social contemporâneo, vinculando-o a valores como afeto, diálogo e parceria. Mesmo antes de ser apropriado por um sujeito expressador, esse dizer já opera discursivamente, projetando sentidos sobre o que é esperado de um pai “adequado” na modernidade, construído não pela natureza, mas pela sucessão de ações legitimadas culturalmente.

**Figura 8** - Camiseta com enunciado aderente que ironiza a delegação das responsabilidades parentais à mãe.



Fonte: DIGORESTTE. Disponível em: [https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-masculina-com-frase-cor-azul-602\\_jpg.jpg?v=1720072350&width=713](https://digorestte.com.br/cdn/shop/files/camiseta-masculina-com-frase-cor-azul-602_jpg.jpg?v=1720072350&width=713). Acesso 01 de julho de 2025.

O enunciado “Não sei, pergunta pra sua mãe”, estampado na camiseta exposta no site da marca Digorestte, constitui um exemplo de enunciado aderente em estado de pré-aderência, uma vez que ainda não foi apropriado por um sujeito empírico, mas já se inscreve em uma cena enunciativa organizada pela vitrine digital da marca. Segundo Maingueneau (2022), o enunciado aderente não é apenas uma frase impressa, mas uma unidade discursiva que adquire sentido na articulação com um suporte material e com o contexto de circulação. Neste caso, a camiseta, o corpo que a veste e o ambiente visual do site compõem um dispositivo enunciativo que antecipa modos de adesão e produz efeitos de sentido mesmo antes da apropriação efetiva por um expressador.

A formulação “Não sei, pergunta pra sua mãe” evoca um gesto comum no cotidiano familiar, em que o pai delega à mãe a autoridade sobre as decisões relacionadas aos filhos. Embora possa ser lida como uma expressão cômica ou informal, essa frase mobiliza uma formação discursiva profundamente marcada pela assimetria de gênero na divisão das responsabilidades parentais. Como argumentam Campos e Tílio (2018), a parentalidade é uma construção discursiva sustentada por regularidades ideológicas que instituem o que é

possível dizer, fazer e esperar de um pai ou de uma mãe. Neste dizer, o pai é posicionado como alguém que se retira do papel de cuidador ativo, reproduzindo o modelo tradicional de paternidade ausente ou desengajada.

A análise se intensifica ao observar o corpo que veste a camiseta no site: trata-se de um homem negro, adulto, com porte físico robusto, cuja postura e expressão neutras reforçam um *ethos* masculino de presença física, mas esvaziada de afetividade ou engajamento discursivo. A escolha desse corpo, longe de ser aleatória, participa da cena de enunciação e contribui para a construção de um sujeito expressor que encena uma paternidade marcada pela omissão. Como propõe Maingueneau (2022), o corpo do expressor integra a cena enunciativa e participa ativamente da produção de sentidos. Aqui, o corpo masculino é convocado para reforçar uma identidade paterna que transfere à mãe a centralidade decisória, sugerindo que o pai “não sabe” e não deve saber - cabendo à mãe ocupar o lugar da palavra autorizada sobre os assuntos familiares.

Do ponto de vista cultural e social, o enunciado retoma e reforça discursos amplamente naturalizados sobre a organização dos papéis parentais, nos quais a figura materna é colocada como detentora da responsabilidade afetiva, cognitiva e moral sobre os filhos. Essa naturalização, como discutem Gorin *et al.* (2015), permanece presente mesmo em contextos de transformação das configurações familiares, revelando a persistência de expectativas assimétricas entre maternidade e paternidade. O dizer analisado, ao ser inserido em um produto comercial, acaba por estetizar essa desigualdade, convertendo-a em expressão humorística e passível de adesão identitária.

O site da Digorestte, ao apresentar esse enunciado em um ambiente visual organizado, com modelos cuidadosamente escolhidos e fotografados, atua como suporte mediador, conferindo legitimidade e valor de consumo à frase. Como destaca Maingueneau (2022), o suporte não apenas sustenta fisicamente o enunciado, mas participa de sua inscrição discursiva, oferecendo condições para sua circulação e adesão. A vitrine digital transforma o gesto de desengajamento paterno em mercadoria simbólica, possibilitando sua

apropriação por sujeitos que se identifiquem com a imagem projetada - ainda que esta reforce estereótipos e desigualdades.

Assim, a análise do enunciado “Não sei, pergunta pra sua mãe” evidencia como formulações aparentemente simples e bem-humoradas são atravessadas por formações discursivas que naturalizam a divisão desigual do cuidado e a centralização da autoridade materna. Mesmo antes de ser incorporado por um sujeito empírico, o dizer já opera como um dispositivo ideológico que reitera posições tradicionais de gênero no campo da parentalidade, revelando a importância de analisar criticamente os sentidos que circulam nos objetos do cotidiano e suas implicações simbólicas.

Ambas as camisetas, portanto, exemplificam o que Maingueneau (2022, p. 142) chama de enunciados aderentes visíveis, que “implicam uma convicção”, mas cuja apropriação nunca é plena nem garantida. Trata-se de dizeres que circulam num regime de ambiguidade e espetacularização, e que só fazem sentido ao serem interpretados no entrelaçamento entre o corpo que os porta, o contexto de circulação e os olhares que os recebem. A escolha de um homem negro como expressador desse enunciado não é neutra e carrega implicações discursivas relevantes. Em contextos sociais marcados pelo racismo estrutural, a figura do pai negro frequentemente é atravessada por estereótipos de ausência, irresponsabilidade ou agressividade.

Ao vinculá-lo a um dizer que explicita o desengajamento nas decisões parentais, o enunciado corre o risco de reforçar uma imagem histórica de desautorização da paternidade negra, deslocando o centro da autoridade parental para a figura materna - presumivelmente branca, silenciosa, e sempre disponível. Assim, a racialização do corpo expressador produz um duplo apagamento: apaga a diversidade das experiências paternas negras e reforça a ideia de que o cuidado infantil continua sendo um domínio natural da maternidade.

A chave humorística do enunciado - construída na aparente espontaneidade da frase “Não sei, pergunta pra sua mãe” - opera como um dispositivo de apagamento ideológico. Ao tratar como piada uma situação cotidiana marcada por assimetrias profundas, o dizer colabora para a

invisibilização da *carga mental materna*: o acúmulo invisível de tarefas, decisões e responsabilidades cognitivas que recai de forma desproporcional sobre as mulheres. O humor, nesse caso, suaviza as desigualdades e desloca a possibilidade de crítica, convertendo a injustiça estrutural em um traço de convivência familiar “engraçado”. Assim, o riso produzido pela frase impede a problematização das práticas que sustentam a divisão desigual do cuidado.

As análises realizadas ao longo deste capítulo demonstram que os enunciados aderentes estampados nas camisetas da marca Digorestte, mesmo quando em estado de pré-aderência, já operam como dispositivos discursivos potentes na construção e circulação de sentidos sobre a parentalidade. Longe de serem expressões inofensivas ou meramente decorativas, esses dizeres articulam discursos normativos e contra-hegemônicos, estetizam desigualdades, reforçam ou tensionam estereótipos de gênero e raça, e performam identidades sociais disponíveis para apropriação no mercado.

Ao inscreverem-se em suportes materiais e corporais, os enunciados analisados projetam *ethos* parentais que ora reafirmam modelos tradicionais - como o pai herói, a mãe exausta ou o filho masculino idealizado - ora convocam formas alternativas de pertencimento, como nos casos da parentalidade atípica. A noção de pré-aderência, proposta nesta pesquisa, mostrou-se especialmente eficaz para compreender os efeitos simbólicos desses dizeres antes mesmo de sua incorporação performativa, evidenciando que a disputa por sentidos se dá não apenas no ato de uso, mas também nos modos de exposição, circulação e legitimação que antecedem o contato direto com o sujeito expressador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar, à luz da Análise do Discurso, como enunciados aderentes presentes nas camisetas da marca Digorestte constroem, reiteram ou tensionam sentidos sobre a parentalidade no contexto contemporâneo. Os objetivos específicos buscaram analisar as formações discursivas presentes nos enunciados, investigar os modos de adesão e circulação dos dizeres e examinar a presença de discursos normativos e contra-hegemônicos sobre parentalidade.

A partir desses objetivos, desenvolveu-se a proposta teórica da pré-aderência, concebida como um momento discursivo anterior à apropriação efetiva dos dizeres por sujeitos empíricos. Essa proposta permitiu ampliar a reflexão sobre os modos de inscrição do discurso no suporte material e sobre os efeitos de sentido já projetados no espaço virtual de comercialização dos produtos. A noção de pré-aderência se mostra especialmente relevante para analisar enunciados que, mesmo antes de serem incorporados por um corpo expressador, já produzem interpelações identitárias e se articulam a formações discursivas ideologicamente marcadas.

No plano analítico, observou-se que os enunciados aderentes sobre parentalidade analisados tanto reafirmam quanto tensionam modelos tradicionais de maternidade e paternidade. Alguns dizeres reforçam papéis parentais normativos, centrados na autoridade, no sacrifício e na proteção, enquanto outros mobilizam recursos como o humor, a ironia e o orgulho parental para atualizar ou desestabilizar tais modelos. Essas estratégias discursivas revelam a complexidade da parentalidade contemporânea, marcada por uma multiplicidade de valores e expectativas sociais.

Outro achado relevante da pesquisa foi a identificação dos riscos envolvidos na mercantilização dos afetos e na estetização das desigualdades nas práticas de consumo identitário. Ao serem convertidos em slogans estampados em camisetas, sentimentos como amor, cuidado, proteção e orgulho parental são muitas vezes ressignificados como elementos de distinção e pertencimento, conformando uma parentalidade performada e consumida. Isso

aponta para a importância de problematizar os limites entre afeto genuíno e discurso comercial em contextos de circulação simbólica.

A análise também evidenciou a ambiguidade dos discursos irônicos e humorísticos, que podem tanto operar como crítica às normatividades quanto reforçá-las, dependendo do posicionamento discursivo de quem enuncia e de quem interpreta. Essa ambivalência exige uma leitura atenta aos jogos de linguagem que marcam os dizeres e à cena enunciativa que os sustenta.

Cabe ressaltar que esta pesquisa se concentrou em um recorte específico, camisetas de uma única marca, disponíveis em um site de vendas e, portanto, não esgota o fenômeno dos enunciados aderentes sobre parentalidade. Há potencial para desdobramentos em estudos que explorem outras marcas, mídias, contextos culturais ou mesmo que comparem a pré-aderência digital com os efeitos da apropriação efetiva no corpo expressador.

Por fim, reafirma-se a importância de se pensar a linguagem como espaço de disputa de sentidos e os enunciados aderentes como dispositivos que atravessam o cotidiano, performando subjetividades e participando da (re)produção das normas sociais. A partir da articulação entre discurso, materialidade e consumo, esta pesquisa buscou contribuir para a ampliação dos estudos sobre parentalidade e para o aprofundamento das reflexões no campo da Análise do Discurso.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AZEREDO, L; BARTHO, V. D. Análise do Discurso Francesa: Pêcheux e Foucault, dois “Micheis” em seus (des)encontros. **Caminhos da Linguística Aplicada**, v. 23, n. 2, p. 36-56, 2020.
- BARONAS, R. L; PONSONI, S. Uma análise do discurso de base enunciativa: notas de leituras sobre o percurso epistemológico de Dominique Maingueneau. **Revista Heterotópica**, v. 1, n. 1, 2019.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.
- BUTLER, J. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, v. 21, n. 4, p. 219-260, 2003.
- CAMPOS, N. **Modernidade líquida e a construção de novas infâncias na Era Digital**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2018.
- CAMPOS, M; T. TÍLIO, R. Universo feminino e universo masculino: análise do discurso parental sobre meninos e meninas. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 60, n. 3, 2018.
- CABRAL, L. C. Da asseveração para a aforização: percurso teórico de um regime enunciativo. **Linguística e Discurso**, v. 21, n. 1, 2021.
- ECO, U. **A vertigem das listas**. São Paulo: Record, 2009.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: EdUnB, 2001.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERREIRA, M. C. L. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001.
- FREITAS, E. C. Enunciados aderentes: a bandeira do Brasil como *ethos* de apoio ao bolsonarismo nas eleições de 2022. **Revista de Letras**, Passo Fundo, v. 18, n. 3, p. 611-636, 2022.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. (Coleção Leituras Filosóficas).
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GREGOLIN, M. R. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In:

SARGENTINI, V. e P. N. B. **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos (SP): Claraluz, 2004.

GORIN, M. C. *et al.* O estatuto contemporâneo da parentalidade. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 3-15, 2015. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v16n2/v16n2a02.pdf> Acesso em 30 de jan. 2025.

LEBOVICI, S. **Ser pai, ser mãe – Parentalidade**: Um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. SPIRO, M. *et al.* **A família**: origem evolução. pp. 7-45. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

MAZZUCATTO, M. R. **Novas narrativas da parentalidade contemporânea**: um estudo sobre a influência da comunicação, da afetividade e da educação nas relações entre pais e filhos. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 2023.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba (PR): Criar, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas e gêneros do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. Aforização: enunciados sem texto? Tradução de Ana Raquel Motta. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de (Org.) **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

MAINGUENEAU, D. Enunciação ligada, enunciação desatada. Tradução de Leci Borges Barbisan, com revisão do autor. DI FANTI, M. da G.; BARBISAN, L. B. (Org.) **Enunciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 13-24.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et alii. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 15-57.

MAINGUENEAU, D. Os enunciados aderentes. Tradução de Maria Cecília Perezes Souza-e-Silva. **Delta**, v. 36, n. 03, 2020.

MAINGUENEAU, D. **Enunciados aderentes**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2022.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso**: (re)ler Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MATOS, J. W. V. **As embalagens que falam: ethos** em enunciados aderentes dos produtos Lola Cosmetics. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2024.

MATOS, J. W. V.; MENDES, M. D. Resenha de *Enunciados Aderentes*. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2023.

NEYRAND, G. Diga, Gérard, o que é parentalidade? **Clínica & Cultura**, v. 5, n. 1, p. 107-120, 2016.

ORLANDI, E. P. **Língua e Conhecimento Linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6 ed. Campinas - SP: Pontes, 2005.

PAVEAU, M. A. Uma enunciação sem comunicação: as tatuagens escriturais. **Rua**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 6-41, 2010.

PERROT, M.; ARIÈS, P.; DUBY, G. (Org.). **História da Vida Privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra, v. 4. São Paulo, Companhia de Bolso, 2009, p. 107-168.

RODRIGUES, B. **Alienação parental**: uma análise do discurso jurídico. Dissertação de Mestrado. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2023.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou da Educação**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROCHEDO, A. L. David Schneider e o parentesco americano. **Caderno de Campo**, São Paulo, v. 2, n. 26, 2017.

SATI, C. “Deixarás pai e mãe”: notas sobre Lévi-Strauss e a Família. **Revista Antropológicas**, v. 9, n. 16, p. 31-52, 2005.

SCHNEIDER, D. M. **Parentesco Americano**: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes, 2016.

SIFUENTES, M. C. V. de S. **Práticas identitárias da parentalidade na modernidade tardia**: a reflexividade do homem-pai à luz da Análise de Discurso Crítica. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2017.

SILVA, G. **Autismo, sexualidade e parentalidade**: uma análise lacaniana dos discursos de familiares. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFTM, 2020.

STERN, D. **A constelação da maternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

TAVARES, L. H. M. C. A análise do discurso de tradição francesa: um viés foucaultiano. CARVALHO, C. I. C.; BARBOSA, J. R. A. (org.) **Teorias linguísticas: orientações para a pesquisa**. Mossoró: EdUFERSA, 2021, pp.

125-156.

TERRA, M. V. C. *et al.* Análise do discurso francesa na organização da informação e do conhecimento no Brasil: considerações epistemológicas à análise documentária. **Rev. Digit. Bibl. e Cienc. Inf.**, n. 17, 2019.

VEYNE, P. O Império Romano. ARIÈS, P.; DUBY, G. (Org.). **História da Vida Privada**: do Império romano ao ano mil. São Paulo, Companhia de Bolso, 2009, p. 17-211.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>  
Acesso em 30 de jan. 2025.